

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES :

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro. Música, Vicente Filippaldi. Renovação, pe. L. Brentano, S. J. Teatro e Arte popular, José Campelo. O Escotismo fatôr de expansão e economia, Oswaldo Guimarães. Livros A. D. Nossa Capa E&V. Por Deus e pelo Brasil, A. T. Aviação, Murilo C. Faleão. Urbanismo, Vicente do Rêgo Monteiro. Higiene mental preventiva e orientação profissional, Gonçalves Fernandes. Renovação do homem, Silvino Lira. Arte sacra no Brasil, Geo Charles. O Capibaribe, Souza Barros. Cinema, V. M. Dois Mundos, Andrade Lima Filho. Os Mestres da Pintura Moderna, Geo Charles. A Federação das Classes Trabalhadoras transforma-se em Ação Educacional Proletária, etc., etc.



Redação :

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE

EXPEDIENTE

"RENOVAÇÃO"

Orgão de Ação Educacional Proletária

Direção — Edgar Fernandes e Vicente do
Rêgo Monteiro

REDAÇÃO:

RUA DO BOM JESUS, 207 - 2.^o andar

Número avulso	1\$000
Número atrazado	2\$000

Assinatura para 24 números:

Na Capital	30\$000
No interior	35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente

Os originais literários enviados a

"RENOVAÇÃO"

Não serão devolvidos, ainda que não
sejam publicados

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco

AVENIDA RIO BRANCO N.^o 155
End. Tel. "CASAFORTE" Caixa Postal 444

RECIFE — PERNAMBUCO

Capital suscrito	1.500.000\$000
Capital realizado	1.500.000\$000

Faz todas as operações do ramo bancário e aceita depósitos em Contas Correntes e a Prazo Fixo

Serviço de Administração de Prédios, Guarda de Títulos e Valores. Cobrança de Letras e Coupons de Apólices

Correspondentes em todas as praças do País e Exterior

Gerente: JAYME FERREIRA DOS SANTOS

ARTIGOS DE COURO

Carteiras, Pastas, Bolsas, Malas de Couro, e
Fibras, Malétoas e Cintos, assim como todos os
demais modelos para todos os preços

Visitem a nossa Casa e peçam os preços

Casa Córdova

FELIX CÓRDOVA & CIA --- RUA LIVRAMENTO 109 RECIFE

INSTITUTO DO CAFÉ EM PERNAMBUCO

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado, seus associados a juros baixos e longo prazo

Promove para seus associados, a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

Av. Marquês de Olinda N.^o 35

1.^o ANDAR
RECIFE — PERNAMBUCO

CASA RODRIGO

AVENIDA CABUGA¹ 269 — Fone 3002
FUNDIÇÃO E SERRALHARIA EM GERAL

Fábrica de cofres, fogões, Portas de aço e esquadrias metálicas. Maxima prestação de qualquer serviço concernente à arte.

R. Fernandes & Cia. — RECIFE

FÁBRICA DELICIA

de S. CALDAS FILHO

Especialidades: Café moído, milho, temperos e açúcar
A casa que melhor serve a sua freguesia

RUA DAS FLORES N.^o 59 — RECIFE
— FONE 6097 —

Fluascar Purcell

Representações

Av. Marquês de Olinda, 117
RECIFE — Pernambuco

BORBA & CIA.

INDUSTRIAL E COMERCIANTES
DE ALGODÃO

ALIANÇA e RECIFE

RUA DO BOM JESUS 227 - 1.^o

RECIFE
End. Tel.: "BORBA" — Fone 9259





RENOVAÇÃO

Sabemos por antecipação que nada resiste á ação destruidora do tempo; que somente o amor conserva e transmite de geração a geração os legados de família, as obras de arte, a civilização.

Construir é renovar. A campanha em prol da extinção do mocambo, pela construção de casas higiênicas populares, oferece ao operário pernambucano um mínimo de beleza e conforto. A emulação benéfica que o fará encontrar a alegria de viver.

A casa própria desperta-lhe um novo sentido de vida, sobretudo, se ela fôr construída em zona salubre e tranquila. E' no seu lar que o indivíduo vive mais de um terço de sua existência. A plástica do interior deve crear, deste modo, um ambiente modesto sem nenhuma sobrecarga decorativa. Asseio, claréza e simplicidade de formas.

O espírito e o conteúdo dessa ação, desenvolve a concepção que é própria á economia corporativa brasileira.

Iniciativa do poder público, da economia particular e, consequentemente, do capital.

Devemos fazer sobressair o princípio de equidade na distribuição do crédito. Essa distribuição, feita sob a disciplina e o controle do Estado, significa o fim do particularismo, do predomínio de grupos ou categorias.

Enfim, a época do capitalismo egoísta é uma lembrança do passado, corajosamente combatida pela economia corporativa do Estado Novo Brasileiro.

POR DEUS E PELO BRASIL

A grande demonstração de fé e de amor que deu o Brasil a Cristo, Senhor Nossa, durante a semana da Pátria, com a realização do III Congresso Eucarístico Nacional, valeu como um eloquente reconhecimento da Nação pelas abundantes graças que a Providência tem derramado em nossas plagas e em nossos lares; pelo rumo seguro da nossa política interna e externa; pelo espírito de ordem, de trabalho e de justiça que tem animado os nossos governantes; pelo brilho e pelo ardor cívico com que se têm conduzido as nossas forças armadas; pela disciplina e pelo genio cristão implantado na alma do nosso povo, e enfim, por todos os dons com que dotou a nossa gente e as nossas terras.

O III Congresso Eucarístico Nacional do Recife foi para o Brasil e para o mundo, uma reafirmação de nossa conduta religiosa e de nossa crença em um Deus perfeitíssimo que criou e dirige o universo e de quem esperamos as bençãos necessárias para a solução dos seus problemas humanos e sociais. Nós brasileiros, que nos conservamos nesse ambiente de paz e de trabalho, maugrado a onda avassaladora de guerra que vem arrastando outros povos e outros continentes à peor das calamidades e às mais cruas provações, devemos meditar um pouco nos destinos do nosso país e colaborar para que, cada vez mais, se enraize nos governantes e no povo em geral, um grande sentimento de brasiliade e de religião.

Não é vã a nossa confiança. Aí estão, para orientar os homens de governo, as sábias encíclicas em que os soberanos pontífices têm traçado as normas de conduta, têm esclarecido todos os problemas, combatido os erros e as heresias, apontando-nos o caminho e a verdade. Meditando nas palavras incontestáveis e autorizadas da Igreja é-nos bem fácil conduzirmos-nos com clarividência e acerto na prática da Justiça e do Direito.

Em torno da Ação Católica, essa incomparável e modelar organização que surgiu em benefício tanto dos fieis como daqueles que se acham divorciados de Deus e de sua lei, é que devemos cerrar fileiras na certeza de que trabalharemos em favor da sociedade, sem que fique esquecida nenhuma classe. Nela, dirigentes e dirigidos, patrões e empregados, ricos e pobres, intelectuais e indoutos, todos merecerão especial desvelo e a cada um será indicado o seu papel na solução dos problemas sociais e políticos do mundo.

Pois que a Ação Educacional Proletária é um movimento da Ação Católica, o seu programa de ação social baséa-se inteiramente nos mesmos princípios da doutrina social do Cristianismo.

Ninguém deve ignorar que da solução do problema moral está dependendo a estabilidade da vida econômica dos povos. E por isso é que o problema se divide em multiphas fases, donde se torna necessário que o analisemos, convenientemente, através de cada uma destas para que, ao final, se obtenha uma solução razoável.

Como tivemos ocasião de frizar, no primetrio numero, a iniciativa da Ação Educacional Proletária nasceu das circunstâncias sociais do momento e o seu programa fala bem alto das suas atividades no decorrer dessa luta de idéias e de realizações em prol do alevantamento do nível religioso e cultural das classes proletárias de Pernambuco e, quiçá, do Brasil.

Defendendo a inter-relação do capital e do trabalho se fará a aproximação do patrão e do assalariado cuja situação de desharmonia, despertada pelo individualismo e pelo liberalismo econômico, trouxe as mais graves consequências para todo o mundo civilizado. Considerando o trabalho como justa fonte de riqueza, como dignidade e dever, e o capital, como um fator que lhe deve seguir paralelamente, ambos não poderão permanecer numa situação antagônica e desarticulada.

A vida do trabalhador precisa de revestir-se de um sentido mais nobre e mais elevado porque ela é a condição que Deus impôs ao homem para que viva feliz e honestamente e equivale a uma oração constante que o gênero humano faz subir ao Altíssimo. Essa vida é também plena de virtudes. Nenhum indivíduo que ama o trabalho e a él se entrega quotidianamente jamais tem se revelado um mau cidadão. A observação e a experiência estão aí para comprovar que os homens maus se encontram sempre e sómente entre os que levam uma existência vazia e inútil.

Difundir entre as classes operárias essa alta função de dignidade e de moralidade que o trabalho exerce sobre os indivíduos, quando orientado segundo a doutrina cristã, é o que visa a Ação Educacional Proletária, no setor doutrinário e educativo.

Com a recristianização da sociedade virá, consequentemente, a sua força que nada mais é que a unidade do ideal conduzindo os povos à sabedoria infinita e inexgotável de Deus.

A. T.

CRÔNICA DA CIDADE

O Recife comporia, perfeitamente, uma revista de cultura. Um interprete da inteligência moça, em dia com a dinâmica da hora contemporânea. Revista de sensibilidade e de espírito, de educação e de estética. Neste sentido, mais uma tentativa temos a registrar. Já circulou RENOVAÇÃO. Movimento cristalizador dos valores nacionais, de ação cultural, artística e ideológica, dentro da realidade brasileira e orientado por uma nobre ansia de construir, espiritualmente. Voltando-se, de preferencia, para o desenvolvimento da inteligência das classes trabalhadoras, para informar a mentalidade proletária da beleza da vida na confirmidade dos princípios cristãos, RENOVAÇÃO propõe-se a uma obra apostolar que muito recomenda o cérebro e o coração dos seus orientadores, aliás dois valores autênticos: Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro.

RENOVAÇÃO—orgão de ação educacional proletária — regista, no seu aparecimento, um agudo senso de oportunidade. Realmente, a hora da vida que corre é um convite aos homens de coragem e desprendimento e a que não falte uma acentuada dose de renúncia romântica.

(Jornal da Tarde de 6—9—39 do Radio Clube de Pernambuco).

"Renovação"

Pe. LEOPOLDO BRENTANO S. J.



OLHEANDO a revista "Renovação", senti o espontâneo desejo de felicitar os seus diretores, não só pelo conteúdo e pelo feitio, mas também pelo nome. "Renovação" resume perfeitamente os objetivos da revista: "elevação do nível espiritual das classes trabalhadoras pela ação cultural, artística e ideológica, construindo sobre alicerces cristãos a grande obra do futuro."

Este objetivo é justamente o que na hora presente se faz mister.

Queremos criar uma idade nova, de maior bem estar para os trabalhadores e para a sociedade em geral. Para tanto precisamos de uma renovação de idéias e de costumes.

É urgente fazer-se uma revisão com respeito aos conceitos sobre a vida, a sociedade e o trabalho. É preciso abandonar sem hesitação e sem saudade o materialismo e o liberalismo individualista que desencadearam imensas desgraças sobre a sociedade hodierna e o operariado em especial, e voltar à conceção orgânica da vida, da sociedade e do trabalho.

É preciso que cada um pense em seus deveres mais do que nos seus direitos, porque nos deveres de uns estão contidos os direitos dos outros.

É preciso renovarmos os nossos costumes. Diz Pio XI na Encíclica "Quadragesimo Anno": "Tudo o que temos ensinado acerca da restauração e aperfeiçoamento da ordem social, de modo nenhum poderá realizar-se sem a reforma dos costumes, como até a mesma história eloquentemente demonstra."

Na Encíclica "Divini Redemptoris" concretiza e amplia mais o seu pensamento: "Como em todas as épocas mais agitadas da história da Igreja, também hoje o remedio fundamental é uma sincera Renovação da vida particular e pública, de acordo com os princípios do Evangelho, por parte de todos os que se gloriam de pertencer ao rebanho de Cristo, afim de que sejam verdadeiramente o sol da terra que preserva a sociedade humana da corrupção".

Afirma o grande Pontífice em seguida que esta renovação de costumes já se está processando: "Vemos por toda a parte consoladores sinais desta renovação espiritual, não só em tantas almas singularmente privilegiadas, que nestes últimos anos se elevaram ao cume da mais sublime santidade, e em tantas outras cada vez mais numerosas, que generosamente caminham para a mesma meta luminosa, como também no florescimento de uma piedade sentida e vivida em todas as camadas da sociedade, mesmo nas mais cultas."

Os que assistimos ao Congresso Eucarístico do Recife, pudemos observar que o mesmo, tanto na fase preparatória como na sua grandiosa realização, produziu em muitos mi-

lhares de almas uma salutar renovação de pensamentos e costumes. Dezenas, quem sabe? Centenas de milhares de pessoas, fazendo revisão de suas ideias e de sua vida, reintegraram-se nos ditames da religião cristã.

Porém muito ainda resta a fazer, acrescenta Pio XI: "Não é possível negar, entretanto, que ainda falta muito a fazer neste caminho da renovação espiritual. Mesmo em países católicos muitos são os que de católicos apenas têm o nome; muitos os que, embora, seguindo mais ou menos fielmente as práticas essenciais da Religião que se honram de professar, não se preocupam em conhecê-la melhor, em adquirir uma convicção mais íntima e mais profunda, e menos ainda em tratar que ao brilho externo corresponda o esplendor interno de uma consciência réta e pura, que sente e realiza todos os seus deveres sob o olhar de Deus. Sabemos o quanto desagradava ao Divino Salvador esta vã e feliz exterioridade. Ele que anclava, fosse Deus adorado por todos em "espírito e verdade. Quem não vive verdadeira e sinceramente de acordo com a Fé que professa, não poderá hoje, enquanto soprão tão fortes os ventos da luta, manter-se por muito tempo, mas logo se verá miseravelmente envolvido neste novo dilúvio que ameaça o mundo (o comunismo) e desta maneira, enquanto cava a própria ruína, exporá ao ludibriu o nome de cristão."

Mais adiante, falando da necessidade de todos estudarem a doutrina social da Igreja e de se dar a todas as classes da sociedade uma intensa formação social, o grande Papa assim se exprime: "Si o modo de agir de alguns católicos deixou a desejar no campo econômico-social, isto ocorre a meus, porque não têm suficientemente conhecido e meditado os ensinamentos dos Sumos Pontífices sobre este assunto... Sejam iluminadas as inteligências na segura luz da doutrina católica e inclinadas as vontades a segui-las e aplicá-las como normas de reto viver, pelo cumprimento conciençioso dos múltiplos deveres sociais, opondo-se desta maneira a essa incoerência e descontinuidade na vida cristã, por nós tantas vezes deplorada, em que alguns, enquanto são aparentemente fícies ao cumprimento de seus deveres religiosos, no campo do trabalho, ou da industria, ou da profissão, ou no comércio, ou no emprego, por um lamentável desdobramento de consciência, levam uma vida completamente em desacordo com as normas tão claras da justiça e da caridade cristãs, causando de tal modo grande escândalo aos debeitos e oferecendo aos maliciosos um pretexto comodo, para desacreditar a própria Igreja."

Dirige o saudoso Pontífice em seguida um apelo à imprensa, para que colabore nesta renovação, fazendo conhecer amplamente a doutrina social cristã e premunindo o povo contra os erros correntes.

"Renovação", pelo seu nome e pelo seu programa, corresponde a este apelo. Dou-lhe os parabens. São meus votos que "Renovação" desassombradamente apeie os ídolos da impiedade e do paganismo moderno, entronizando nas mentes e nos corações dos leitores Aquele que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida."

O Escotismo fator de expansão econômica

por OSWALDO GUIMARÃES

A O escotismo está reservada a mais importante tarefa na formação das gerações de amanhã. Não só pelo seu aspecto propriamente educacional, quando visa preparar moral e intelectualmente os homens que irão servir de reserva da nacionalidade na defesa de suas tradições, mas principalmente, porque é a escola prática que se integra no amor ao trabalho, no amanho da terra sempre acolhedora, porém esquecida por aqueles que vivem do seu calor e das suas energias, é que o escotismo deve preocupar a quantos desejam uma Pátria livre econômica e digna acima de tudo pelo valor moral de seus filhos.

Ao escotismo portanto, está fadada a mais nobre das missões, tal seja a de incentivar aos moços de hoje esse amor á terra em que nasceram, para que assim elas possam viver sem as incertezas de uma vida artificial, toda voltada á negação daquilo que é útil e agradável.

Num país como o nosso, mais necessário o escotismo ainda se torna, e daqui, dirijo o meu apelo a todos os moços, aos homens de comércio e da indústria, aos governantes atuais, responsáveis que são pelos nossos destinos, para que todos reunidos, vontade e ação, povo e governo, possam realizar esse plano formidável de aproveitamento dos nossos irmãos pequeninos e desamparados, representados pela infância desvalida, fazendo com que elas sejam elementos úteis a Deus e á Pátria, tornando-os fatores de expansão econômica, preparando-os como sentinelas vigilantes da ordem, servidores da justiça e do trabalho, enfim homens capazes as necessidades do seu "habitat".

O escotismo é essa integração de vontade e de fé a serviço de Deus e da Pátria. É concentração de energias dispersas em busca de riquezas adormecidas e inexploradas. É a defesa do homem desviado da sua finalidade, desconhecendo a sua origem e o seu destino.

Doutrina sábia e pura como o escotismo deve encontrar todo apoio moral e material por parte daqueles que se esqueceram de que são representantes de Deus na terra para encorajar os fracos de espíritos, levantar os caídos, dando comer aos que têm fome e vestindo os nus.

As experiências e observações feitas, não só entre nós, mas entre outros povos, quanto a eficiência da escola escotista na educação integral da criança, atestam que não se deve vascilar, antes pelo contrário, devemos concretizar em realizações práticas todo o seu vasto plano de benefícios, consagrados aqueles que estão sujeitos pelo abandono e pelos vícios, a todos os germens da delinquência.

Brasileiros ilustres consagraram o melhor de suas energias na objectivação dessa legítima aspiração como seja a formação de uma organização nacional para os moços e como muito bem disse o presidente Vargas em discurso pronunciado no congresso escotista do Rio de Janeiro. Entretanto, aqui fica uma palida sugestão. Dentre as modalidades escotistas, uma se destaca pela sua alta significação patriótica e humana ou seja aquela que tende buscar nas ruas os menores desamparados moral e materialmente, expostos, filhos de pais desconhecidos, concentrando-os em campos agrícolas, onde elas possam pelo trabalho apropriado engrandecer a terra que lhes serve de berço.

Em lugar de uma organização nacional, fizemos campos de concentração ruralista, para que assim o Brasil siga o seu destino evidente como paiz agricola na expressão feliz de

Alberto Torres e deste modo possamos melhorar também as nossas condições econômicas. Em lugar de escotismo escolar, pratiquemos o escotismo agrícola como norma de amparo aos menos favorecidos.

Nós necessitamos tanto de um como do outro, porém aquele deve existir como consequência lógica da expansão escotista agrícola, pois cuidando o escotismo escolar das crianças já amparadas e entregues aos carinhos das suas professoras, esquece aqueles que perambulam pelas ruas, sem carinhos, expostos como disse filhos de pais desconhecidos, enchendo com as suas presenças os ambientes infectos, dormindo como se fora os últimos animais na escala zoológica. O escotismo agrícola é justamente o aproveitamento desses seres pequeninos e humanos que vivem sujeitos ao abandono, consequentemente, vivem como bichos.

Donos de um território com as mais opulentas florestas, formidáveis rios, que são mananciais de energias civilizadoras, fontes as mais ricas do mundo em todos os seus aspectos, regiões protegidas por um solo opulento, de composição físico-química a mais variada e rica que imaginar se possa, prestando-se assim a todas as culturas, nós os brasileiros temos tudo aquilo que a natureza podia fornecer ao homem como elemento de vida e de defesa. Entretanto, quando contemplamos — tudo isto, ferro, ouro, prata, diamante, um clima que foi bem um presente especial ao Brasil, quando contemplamos o avanço de outros povos, notamos então que essas regiões são as mais desertas, as mais esquecidas.

E porque isto? Limite-me aqui a fazer minhas as palavras de um estudioso no assunto. "Aplicamos nas capitais dos estados a quasi totalidade dos recursos hauridos do esforço e do trabalho municipal. Alimentamos esses Centros parasitários a custa da atividade produtiva do homem do campo e damos ao mundo um triste espetáculo de desorganização econômica e social, num país onde condições especialíssimas estavam a indicar a política única a trilhar, que deveria ser a construção de uma enorme força ruralista, pela convergência, nos municípios, de elementos racionais de progresso e de estímulo á exploração da terra".

É um erro de visão administrativa, esse progresso que parte do centro para a periferia. É um crime tirarmos das populações do interior o fruto do seu trabalho, a reserva de suas economias para a manutenção das cidades cosmopolitas, "verdadeiros sumidores da economia nacional".

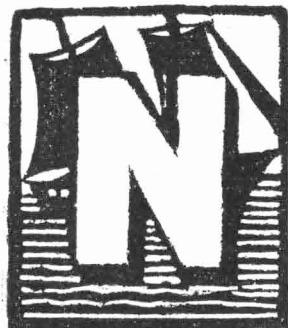
Felizmente, já desapareceu do nosso meio, "essa vaidade de ignorante" de estadistas sem o senso da realidade brasileira.

"Abramos guerra á mentalidade indiferente que prefere o marasmo á luta, bem como á mentalidade que confia sem agir, somente porque o Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo". O progresso é obra exclusiva da ação humana.

Ao escotismo compete, auxiliado pelos poderes públicos, fazer a marcha para o oeste, formar uma mentalidade ruralista, fixar o homem ao solo, concentrar em campos agrícolas os menores deviados de sua origem e de seu destino, ao escotismo agrícola compete a formação das gerações de amanhã.

Impossível confiar na nossa geração que vive de influências estranhas a nós mesmos. Temos que formar os moços, dando-lhes uma disciplina interior, uma fé robusta, alicerçada pelo amor ao trabalho, na grande e infinita miragem de uma Pátria forte pelo valor moral dos seus filhos, poderosa e livre economicamente, enfim temos que arrancar dos ambientes infectos os nossos pequenos patrícios, tornando-os elementos úteis á Pátria, para que assim possamos bem próximo cantar no altar de Deus os triunfos positivos e as glórias consagradas.

Teatro e Arte Popular



INGUEM dirá que a arte, sobretudo na vida moderna, esteja adstrita a si mesma ou que em si mesma encerre o seu princípio e o seu fim. Introspectiva, ela não teria projeção sobre a vida da comunidade, acabando por estancar as fontes de criação, que não podem ser unicamente a Natureza rica em aspectos, mas privada de alma.

Ela é, pelo contrário, uma força de expansão, tanto mais poderosa quanto mais apto for o meio para recebê-la e exaltar-a nas suas formas mais perfeitas e mais puras. Força de expansão tão indispensável à vida, como as demais forças espirituais que redimem as baixas condições animais da vida.

Haverá certamente quem diga que o homem pode prescindir da arte, como pode prescindir da literatura. Mas o ser insensível às linhas, às formas, às cores, aos sons, à beleza é um primário sobrevivente. E o primário subsiste através dos milênios como um elemento de confronto na marcha ascensional da humanidade. Nem a perfeição seria possível se não houvesse o contraste ou não existisse a matéria plástica indispensável à modelagem e à corrigenda...

Na realidade, a vida, tal qual a vivemos, hoje, e tal qual a viveu o homem em civilizações preteritas, não prescinde da arte e da literatura como elementos essenciais das suas actividades no espaço e no tempo. São necessárias como a ciência, a máquina, o intercâmbio comercial e a indústria. E ha mesmo uma comunhão cada vez mais íntima entre muitas indústrias e certas modalidades da arte.

E' certo que a arte tem em nossa época uma significação muito mais vasta que nas épocas em que ela interessava a determinados círculos da comunhão social: cresce todos os dias a sua influência e a educação artística das massas passou a ser um dos mais sérios deveres das administrações públicas, desde que a arte é um dos instrumentos mais delicados na formação intelectual e moral do indivíduo. Bem sei que as manifestações artísticas são instintivas no homem, nascendo daí a arte popular, tanto mais interessante e sugestiva quanto mais antigo for o povo, quanto mais velhas forem as suas tradições, os seus costumes. Mas a arte popular, sendo assim instintiva, "deseducada", se me permitem a expressão, é matéria plástica a ser aproveitada, preservada e orientada no sentido do aperfeiçoamento estético e moral dos grupos. Moral, porque muitas manifestações da arte popular revestem formas realistas e grosseiras do instinto genésico.

Quero dar a este estudo, um caráter prático de exposição e sugestão, conhecendo, como conheço, a precariedade da nossa cultura em matéria de arte. A nossa educação artística é irrisória. O nosso sentimento do bom gosto quasi nulo. E tudo isso, em grande parte, por culpa de governantes de poucas luzes e muita política.

Houve, certamente, quem compreendesse nas altas rodas administrativas, a necessidade da educação artística do povo. Mas, regredimos em vez de progredir no assunto. D. João VI, com a criação da Academia de Belas Artes e D. Pedro II, amparando alguns dos maiores artistas que o Brasil já produziu até hoje, souberam compreender melhor o problema que a quasi totalidade dos governos republicanos puseram à margem das suas preocupações administrativas.

Não posso referir-me, num simples ensaio, à organização educacional artística nos países europeus e americanos. Mas farei algumas referências mais demoradas a dois países onde a educação artística pode ser considerada padrão: a Alemanha e a Itália.

O governo italiano, por meio de TODOS OS SEUS MINISTÉRIOS (chamo a atenção dos meus leitores para o fato de TODOS os ministérios, na Itália, se ocuparem da educação artística do povo) e das instituições do Estado ou semi-oficiais, empenha-se ativamente para elevar o nível artístico das massas, não só com os programas de ensino como incentivando

por José Campello

do da maneira mais inteligente as artes populares. O ensino do desenho é obrigatório e faz-se procurando exaltar as faculdades criadoras do aluno.

Deixo de parte o ensino secundário e superior, para tratar da educação artística pelas artes populares. A organização Nacional das Pequenas Indústrias e dos Artífices Italianos orienta os temas artísticos dos pequenos industriais e artífices, ensinando-se a valorização dos bordados, da cerâmica, do ferro batido, dos tecidos estampados.

Uma instituição de proporções formidáveis—"l'Opera nazionale del Dopo Lavoro"—educa as massas proporcionando-lhes concertos, representações teatrais e exposições de arte, sobretudo de artes aplicadas. As associações musicais sobem a cerca de 5.000, com milhões de sócios. Organizam-se milhares de reuniões de cantos e dansas populares estilizadas. As exibições de cantos corais são deslumbrantes.

Teatros ambulantes, os chamados "Carros de Thespis", encenam a comédia, o drama, a ópera e a opereta nas aldeias e cidades do reino. Os "carros de Thespis", realizam mais de 500 representações por ano, para um número superior a 1 milhão de espectadores. Já em 1930 existiam 2.000 organizações dramáticas que desempenharam 13.771 espetáculos em 1.465 pequenos teatros. Junte-se o número de representações dos teatros ambulantes ao das representações das organizações dramáticas e ter-se-á uma idéia da educação artística e moral do povo italiano pelo teatro elevado.

As exposições de artes para o povo assumem caráter monumental. A de Bolzano reune mais de 50.000 objetos artísticos.

O movimento pela educação artística do povo, na Alemanha, que já datava de antes da guerra, tomou um impulso considerável de 1919 em diante. Observadora da vida alemã destacam os novos programas das "Escolas Superiores Populares", cuja finalidade é, aliás, o lado intelectual do trabalho à atividade profissional. "Os alunos esforçam-se — diz Pierre Viénet — para adquirir um novo estilo de vida harmoniosa, que se perdera como resultado da ruptura do ritmo entre o trabalho e a vida privada".

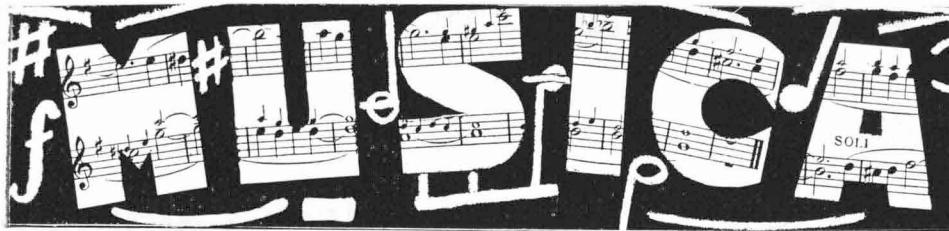
Como conseguir esse fim? Pela ciência? Não. Os pedagogos alemães mais notáveis são concordes em afirmar que para alcançar esse fim não é necessário apelar para a inteligência e a ciência, e sim para os sentimentos, a intuição e a arte.

A lição da Alemanha é decisiva. Dá-se às folgas das classes trabalhadoras um sentido artístico. Antes da guerra, a opinião dominante naquele país era a de que "a arte, considerada objetivamente, tinha apenas um sentido de passatempo".

A concepção é agora inteiramente diversa. Procurou-se, desde logo, conduzir as massas operária à elevação interior, pelo teatro. O teatro ambulante na Alemanha — diz a revista francesa *Le Mois*, na sua secção de Letras, Teatro e Arte (número de janeiro de 1937, ps. 226 e seguintes) — não temos nada que se lhe possa comparar no mundo. Todo o seu vasto território ocupado por mais de 70 milhões de indivíduos é percorrido dia a dia, pelo teatro ambulante com uma continuidade de esforço que nunca se relâmpago. A suprema aspiração da educação artística na Alemanha é elevar a moral e a inteligência do povo em sua totalidade e não em parcelas privilegiadas.

Oitenta cidades alemãs já estão dotadas de teatros superiormente instalados. Mas é sobretudo o teatro ambulante que desempenha a função social por excelência da educação das massas. Cerca de trinta milhões de habitantes de mil e cíntecas vilas, burgos e simples aglomerações assistem as suas representações. Simplicia-se a decoração, que ocupa um lugar preponderante no teatro das cidades, estabelecendo-se as

(Continua na 20.ª pagina)



Por VICENTE

FITTIPALDI



TRATEI, em meu artigo anterior, do aproveitamento do canto coral como meio pederoso de cultura artística das massas populares.

Tratarei, hoje, de um outro veiculo de educação musical não menos poderoso.

Quero referir-me á bandas de musica, que, na verdade, ainda não desempenham, no Brasil, sob o ponto de vista educacional, o importante papel que lhes devia caber.

E, no entanto, não nos faltam bandas capazes de cumprir integralmente tão dignificante função.

E é preciso cuidar disso. E' preciso integrar as nossas bandas no trabalho de recuperação espiritual das massas populares, que é, não ha duvida, um dos postulados mais sedutores do Estado Novo.

A coisa não é um bicho de sete cabeças.

Esbocemos um plano: o sr. Novais Filho, com aquela bôa vontade que lhe é caracteristica, mandaria construir, no logradouro principal de cada bairro, um modesto palanque de madeira (um palanque desmontável e facilmente conduzivel poderia servir para todos os bairros, tambem). Por sua vez, o Governo do Estado mandaria a banda da Brigada organizar um "carneirinho" de retretas (um domingo para cada bairro) com musica de verdade:

Mas, tambem, sem cair no exagero de ir, logo, ás coisas transcedentes dos Bach, dos Beethoven ou, ainda, dos Schomberg ou dos Varese...

Eu sei que haveria uma certa reação de parte do publico.

Mas, é preciso lembrar que todas as inovações benéficas sempre sofrem essa reação: a vacina obrigatoria, o leite pausterizado, etc., etc. E' vencer a reação e tocar p'ra frente. Que p'ra frente e que se marcha.

Os programas dessas retretas, vamos dizer, educacionais, seriam explicados e comentados por um espiquer atravez de um microfone, e, com um pouco de habilidade, poderiam se transformar, tambem, num apreciavel manancial de conhecimentos gerais. Organizemos, como exemplo, um programa padrão:

1. PARTE

Carlos Gomes: Protofonia da Opera Guarani.

(Função do espiquer: dizer quem foi C. Gomes; ressaltar o seu patriotismo, explicar o que é uma opera e o que é uma protofonia; dizer de onde foi tirado o libreto do *Guaraní*, falar sobre José de Alencar e sua obra, etc., etc.)

2.^a PARTE

Mendelssohn: A Gruta de Fingal

(Função do espiquer: dizer quem foi Mendelssohn; contar fatos curiosos tirados do anedotario de M.; explicar o que é uma "Abertura"; dar dados geograficos sobre a Gruta de Fingal e as ilhas Hebridas etc., etc.).

3.^a PARTE

Lizst: Rapsodia Hungara N. 12.

(Função do espiquer: narrar brevemente a vida de L.; ressaltar o seu feitio filantropico; explicar o que é uma "Rapsodia"; falar sobre a Hungria e seus costumes, etc., etc.).

Eis aí o plano. Agora é trabalhar. Que o povo precisa de bôa musica. Urgentemente.

De Hecilda Clark Ferreira, directora da "Ilustração Paulista" revista que se publica na Capital de S. Paulo, êste poema:

Olinda

"Para Renovação"

Formosa Olinda mística cidade
Cheia de graça e exceles amavios,
Como eu te evóco hoje, com saudade,
Nestes meus versos palidos, sombrios ...

De tuas noites lembro a suavidade,
Constelações, brancos luzidios...
Do Mar, a lirial lubricidade...
Beijando a areia em brandos murmurios...

Paineis encantadores outonais!
Crepúsculos exângues de arreból!
Berço gentil... de sonhos divinais!

A Cruz da estrada... ruinas ancestrais...
As preces da Capela ao pôr do sól,
Sonhos extintos, que não voltam mais!...

Aviação Nacional

De todas as invenções do engenho humano a aviação é, inegavelmente, a que mais utilidade oferece à humanidade.

As distâncias, que eram outrora cobertas em 20 e 30 dias a aviação simplificou-as consideravelmente, tornando-se, assim o transporte aéreo, um meio rápido para o intercâmbio comercial e cultural, entre os povos civilizados do globo.

Se bem que o Brasil haja sido o primeiro país a concretizar a lenda de Dédalo e Icaro, de que nos fala a mitologia helenica, de um certo tempo a esta parte é que se nota um movimento, bem sensível, aliás, em prol da aviação brasileira.

Pondo em execução o decreto lei, que tomou o numero 19,902, de 22 de abril de 1931, baixado pelos poderes públicos, foi criado, no Brasil, o Departamento de Aeronautica Civil, cujo fim não é outro sinão o de administrar, e mesmo de fomentar, a nossa aviação.

Obedecendo à orientação do Dr. Trajano Furtado Reis, o Departamento de Aeronautica Civil continua, sem solução de continuidade, a construir grande cópia de aeroportos, não somente na faixa litoranea, mas, também, no recondito das selvas do Centro e do Oeste brasileiros, preparando, assim, o "climax" propício à expansão aeronautica.

Marchando paralelamente com o Departamento de Aeronautica Civil, como incentivador da mentalidade

O FILME NACIONAL DE CURTA METRAGEM



NUMA época em que a técnica do cinema tem feito progressos extraordinários, é inadmissível que o cinema nacional os desconheça.

A falta de recursos na tomada das vistas, a pobreza dos ângulos, a volta sistemática aos mesmos pontos de vistas durante o desenrolar de cenas inteiras ou trechos musicais, mau gosto autêntico generalizado entre os produtores nacionais, é fruto da teoria do menor esforço, dos maiores lucros e menores despesas.

Um dos nossos "producers" de curta metragem intitulou os seus filmes de *Lanterna Mágica*. A poesia que esse nome desperta faz nos voltar à época heroica do cinema, onde não sabíamos bem quem daria a última palavra sobre o cinematógrafo, Edson com o seu Kinetoscope ou os irmãos Lumière com a película perfurada.

Enfim a *Lanterna Mágica* diversão dos nossos avós foi relegada ao rol dos brinquedos das crianças do início do século XX.

MURILLO CAMPOS FALCÃO

aviatoria, temos a Diretoria de Aeronautica do Exército, que muito tem contribuído para a criação de aero-clubes nas cidades de varios Estados, onde existem regimentos de aviação.

Aqui, em Recife, talvez devido a ausencia de um nucleo de aviação militar, é que ainda não se conseguiu organizar uma escola de aviação militar, que muito serviço iria prestar ao Brasil, brevetando, anualmente, um púgilo de patrícios, aptos a cruzar o firmamento brasileiro, quer na paz, quer na guerra.

No sul do país os aero-clubes muito tem contribuido para aumentar a reserva das nossas gloriosas forças aereas.

O sensacional telegrama aqui chegado, no qual lemos as proezas de Helio Marinck, piloto de 13 anos de idade, e já com 4700 kilometros voados, deixa antever cabalmente quão lisongeiro será o porvir de nossa aeronautica, dentro de pouco tempo.

Que a juventude do Brasil, pois, procure tomar o grande exemplo de Helio Marinck; que os poderes públicos continuem se esforçando, cada vez mais, em prol da aviação brasileira, porque, só os países fortes e detentores de uma grande aviação é dado o direito de continuar com as suas côres sempre destacadas, nos mapas cartográficos.

A nostalgia que esse nome desperta não é mero saudosismo, a imobilidade das imagens em nosso filme de curta metragem, tem afinidade com a prática da projeção das saudosas lanternas mágicas das cegonhas, dos contos de fadas e castelos encantados, quando não são cortadas de quando em vez, por uma passagem em cena do operador ou do seu assistente, quebrando a monotonia reposante do recanto sonhado para os Paulos e Virgílias em crise de cenários novos.

À post-sincronização dos documentários na parte musical é simplesmente lamentável, dá a impressão que no terror de onerar os seus filmes com direitos autorais excessivos, os diretores desterraram composições de autores desconhecidos, creando assim um ambiente de pobreza dolorosa para a nossa cultura musical.

O cinema entre nós está ainda no período crítico do amadorismo e das improvisações.

V. M.

URBANISMO

**Estudo sobre o envelhecimento
rápido das teorias pacifistas
do após guerra.**

VICENTE DO RÉGO MONTEIRO



UITO se tem falado nesses últimos tempos em URBANISMO. Esta ciencia nova, controlada pelos interesses das indústrias especializadas e desnacionalizantes, no periodo da inflação apavorava os poderes públicos e silenciava as conciencias medrosas:

Torna-se interessante voltarmos ás fontes dessa nova mística relendo o livro de Le Corbusier, publicado em Paris em 1925.

Le Corbusier, o apóstolo, depois de várias considerações e de entusiásticas demonstrações da utilidade do urbanismo, justifica a destruição de alguns quarteirões de Paris, do tradicional Paris dos "Archives", "Marais" e "Temple", para a sua substituição por 20 arranhaçéus, com capacidade para 40.000 moradores cada.

O projeto em si não deixa de ter certa beleza monumental; porém, na reconstrução dessa parte de Paris, Le Corbusier não prevê a edificação de uma só Igreja. As antigas seriam conservadas como minúsculas jangadas ao lado de titânicos transatlânticos.

Le Corbusier declara-se apolítico, e, para justificar a sua imparcialidade de técnico, considera: "Era inevitável que, o urbanismo que eu tinha exposto no Salão do Outono de 1922, fosse objeto de estudos nas organizações comunistas. Aprovaram o sistema — a técnica — porém reprovaram-me severamente não ter escrito nos planos, nos locais faustuosos: Casa do Povo, etc., etc.; porque, destinado a dominar a questão, não puz em bandeiras: nacionalização da propriedade privada". (1).

Se de um lado a sua boa fé parece evidente, as suas sugestões econômicas para solucionar o problema criado pelo seu projeto são de um nacionalismo confuso, de um pacifismo ingênuo e perigoso.

Em face da enormidade do capital necessário para a realização do Plano Voisin, Le Corbusier não exita em oferecer uma participação aos capitais estrangeiros: "Uma parte do poder está no país. Outra parte no estrangeiro. Oferecer uma participação aos estrangeiros? Oferecer o centro de Paris, o terreno e os imóveis formidáveis, riqueza e esplendor nacionais, aos estrangeiros, aos Americanos, aos Ingleses, aos Japoneses, aos Alemanes?

Sim, precisamente.

Esse valor imenso do centro construído de Paris,

seria uma felicidade que pertencesse aos estrangeiros. Se numerosos milhões fossem invertidos em torres gigantescas de vidro no coração de Paris, e que uma grande parte pertencesse a Americanos e Alemanes, estes seriam os primeiros a defendê-los contra a destruição — por canhões de longo alcance ou aviões?

Eis talvez o remedio contra a guerra aerea (ovo de Colombo): internacionalizar o centro de Paris. O Americano não permitirá que os toquem e o Alemão guardasse-a de destruí-los. Sabemos que são os grandes capitais que fazem as guerras.

Colocar no centro de Paris 20 arranhaçéus de 175 metros de lado por 200 metros de alto e oferecê-los como emprégo de capital estrangeiro, é o mesmo que colocar Paris ao abrigo das destruições bárbaras.

Isso bem poderia interessar a um ministro da Guerra". (2)

O projeto político-financeiro de Le Corbusier é uma excelente descoberta para um pacifista da estirpe de um Aristide Briand ou de um Leon Blum. Esse ovo de Colombo de Le Corbusier, parece mais um cavalo de Troia.

Com um pouco de imaginação, tipo Wells, veríamos os Alemanes sairem alta noite do ventre do arranhaçéu Germânia e atacarem de surpresa o arranhaçéu do Governo Francês, dominando rapidamente toda resistência, pela ocupação da secção dos Ministérios Unificados.

Por uma evolução natural, ambiente, hoje Le Corbusier nacionalista, propria ao governo da grande democracia francesa, a transformação rápida, instantanea, dos arranhaçéus em torres blindadas, em postos de observação, cemitérios, em ninhos de metralhadoras e de canhões antiaereos.

Em 1935, uma comissão de estudos encarregada da defesa das cidades e populações civis, reconsiderando, declarou de utilidade pública os inofensivos arranhaçéus de Le Corbusier. Entretanto nada foi feito para a realização do Plano Voisin no centro de Paris. Com a deflação Paris, ficou "ipso facto" descongestionada, pela volta ao campo dos agricultores e proprietários rurais, e ausencia completa de forasteiros.

Rematando vem muito a propósito o poema profético do poeta espiritualista Willy Levin, publicado em 1936 :

Haverá uma bruta guerra.
Poucos meses serão precisos
para arrazar toda a Europa.
Não ficará pedra sobre pedra.
Os químicos descobrirão
mais quatrocentos espécies
de gases asfixiantes.
Morrerá quasi todo o mundo
mas depois da carnificina
os poetas sobreviventes
inventarão novos ismos
nos cafés de Montparnasse.

(1) — Urbanisme. Le Corbusier. Pag. 272.

(2) — Urbanisme. Le Corbusier. Pag. 280.

HIGIÊNE MENTAL PREVENTIVA E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A Liga Francêsa de Higiene Mental traçou para si uma norma de ação que comprehende as mais variadas aplicações da psicologia e da psiquiátria. O problema da adaptação e orientação profissional, afirmam os Lahy, teve nessa entidade uma proeminencia admirável entre os objectivos mais relevantes de sua finalidade. Para este setor de ciencia do trabalho vem coordenando todos os seus esforços e o estudo das questões de ergología demonstraram que assim se faz necessário, pois os fatores psíquicos, neste domínio, condicionam os demais anatómicos e fisiológicos.

A seleção e orientação profissionais faz de cada operário um individuo melhor utilizado deante os interesses coletivos e suas proprias necessidades, diminuindo o numero de descontentes, dos incapases, dos falhados. Observações frequentes evidenciam que grande numero de neuroses são devidas a uma impossibilidade de adaptação do operário ás obrigações de trabalho a que são submetidos. Sem a devida aptidão para o oficio em que se vêm ocupados, suas tarefas tornam-se duplamente negativas: falha a sua produção e os conflitos da ambiencia crêam um estado de sensibilidade que é muitas vezes responsável por disturbios da conduta do obreiro. Quantos operarios turbulentos, "máos elementos", que são

Prof. GONÇALVES FERNANDES

um caso constante para a administração, não se encaixariam perfeitamente em sua posição si ocupassem o seu lugar? Quantas catastrofes, diz M. Potet, quantas psicoses e neuroses seriam evitadas si a escolha da profissão fosse judiciosamente feita!

As estatísticas norte-americanas aí estão para mostrar que a perfeita orientação profissional é o segredo duma existência feliz.

A base de toda a ergologia é a aptidão profissional. Para Lahy uma aptidão é uma disposição natural a exercer convenientemente uma profissão, e uma disposição natural é um complexo que pode ser constatado anatomicamente, fisiologicamente e psicologicamente. O que vale dizer que a faculdade de bem exercer uma profissão determinada, de se adaptar a uma função, reside sobre condições anatómicas, fisiológicas e psicológicas, que se devem estudar, apreciar e julgar.

Neste estudo, neste julgamento e nesta apreciação esteiam-se todo o progresso da nacionalização do trabalho e da profilaxia dos disturbios mentais das classes trabalhadoras.

P. L. de New-York, que é uma das mais ricas e preciosas coleções particulares da America, e quiçá do mundo.

Esse espírito de amor ás obras dos grandes mestres do passado é o estímulo que dirige os destinos cultos dos Norteamericanos. Em 4 de Maio de 1926 era inaugurada no Metropolitan Museum of Art, uma dependência sob o nome de "Os Claustros". Pedras de França transportadas para a America. Quatro claustros franceses, vistíguos da Idade Média, setecentas esculturas, estatuas, baixos relevos de um valôr inestimável.

Devemos relembrar a preciosa participação de Rockefeller Junior na restauração dos grandes monumentos de França, marcos da civilização ocidental, destruídos em parte pela guerra de 1914-18.

É uma felicidade se pensar que, numa época onde tantos crimes são cometidos contra a civilização e a cultura, obras de arte como as de Fiorenzo de Lorenzo e de muitos outros mestres acham-se em varias coleções na America, ao abrigo das destruições bárbaras.

E. & V.

NOSSA C A P A

EM nossa capa deste número reproduzimos a foto de um quadro, "O Crucificado", de Lorenzo — (1440-1521).

Florenzo di Lorenzo que foi discípulo de Mazatris e de Bonfigli, em Perugia, mais tarde seguindo para Florença, sofreu das influencias de Benozzo e Antonio Pallaiuolo.

Tem-se como certo que Perugino e Pinturicchio foram os seus discípulos.

A técnica de Lorenzo é assentada num modelado escultural e seguro conhecimento anatomico, em panejamentos movimentados e angulares, em paisagens construtivas e agradavel monocromatismo de colorido.

Essa reprodução como a anterior, "A Virgem e o Menino Jesus", de autor desconhecido, da Escola Florentina, (cérca de 1290), pertencem a coleção do Sr.

A Renovação do Homem

por SILVINO LIRA

QUANDO o sol se põe, um fenômeno interessante é observado na natureza. O firmamento se tinge de vermelho, como se algo houvesse tido uma grande hemoptise.

É a hora crepuscular.

Na história dos povos, o pensamento humano, as idéias enfim, como os dias, têm o seu momento crepuscular. E quasi sempre, um fenômeno singular o assinala.

Constantemente, na divisão entre o desagregar e a afirmação de uma idéia, o sangue tem sido o grande marco, a suprema identidade.

Para o evidenciar de tal afirmação, basta projetar de reiane algumas reformas realizadas na Grécia e Roma antigas.

A luta entre plebeus e patrícios, o povo e a nobreza, da massa e a aristocracia do poder, exigiu sempre à vitória dos primeiros, uma grande parcela de sacrifício.

As conquistas materializadas pelos pequeninos, custaram-lhes grande tributo de sangue.

Na idade média mesmo, na reação ao paganismo, o cristianismo sofreu também o sacrifício do sangue.

E sem considerar outros acontecimentos, vejamos as cruzadas, e na modernidade a luta entre o catolicismo e o protestantismo luterano e reacionário.

A noite de S. Bartolomeu e a guerra dos camponezes, frutos da reforma, para não citar outros exemplos, atestam suficientemente, o caráter denunciado.

Consequência natural da reforma, sua grande precursora, o liberalismo influencia no décimo sétimo e décimo oitavo séculos, a consciência ocidental.

Agora são os fatores de ordem material, econômicos por excelência e ainda morais, que dão guarida às idéias dos enciclopedistas.

E, finalmente, a noite medieval cede o seu lugar ao dia novo da Revolução Francesa. O absolutismo do rei, deixou-se curvar ante a prepotência popular e depois, resultando do próprio espírito liberal, toma corpo o absolutismo do indivíduo.

A concepção totalista da idade média, cedendo terreno ao espírito desagregador do individualismo, viu jorrar sangue aos borbotões. A guilhotina no seu afan macabro ceifou inúmeras vidas e outros acontecimentos precisaram, no decorrer da época liberalista, inúmeros sacrifícios.

O espírito, na sua ansia de perfectibilidade, nos primórdios do século XIX começa a reagir à nova ordem de coisas.

A desagregação desde um século identificável no espírito humano, atinge o seu ápice, refletindo-se nas próprias estruturas sociais, abalando os alicerces das instituições, ameaçando-as de destruição.

É a reação dos laboriosos, das forças econômicas que se deixaram escravizar.

É a coletividade querendo opor um dique ao indivíduo, é a reação do trabalho ao capital, do proletariado à aristocracia do dólar.

É Marx, "reunindo as energias proletárias para destruir o mundo burguês capitalista".

É choque e a desarmonia, a confusão e a desordem, buscando a coerência e a ordem, o movimento e o repouso, ou seja o equilíbrio. E nesse pavuroso embate, inúmeras vidas foram sacrificadas, não parando o trágico cenário das subtrações humanas, nem mesmo no materializar do sonho dos grandes destruidores do humanismo: — Karl Marx e Friedrich Nietzsche.

O primeiro, no seu coletivismo materializou a auto negação do humanismo e o segundo, afirmando o homem con-

tra Deus, modelou em linhas bem nitidas, a auto destruição do humanismo, mercê do seu super individualismo.

E nos últimos cem anos da história, a humanidade tem passado por situações bem evidentes de desequilíbrio constante.

Finalmente, na hora contemporânea, a grande revolução roubou inúmeras vidas, tingindo a terra de Pedro o Grande com a tinta rubra do sangue.

O homem, deslocado do seu caminho, sente-se desambientado e triste, fraco e pequenino, diante da confusão que o envolve.

Essa abstração do homem entretanto, tem a sua origem no fato de ter ele se subtraído às bases divinas.

No desejo mal dominado, na ansia incômoda de olhar para baixo, o homem ficou tomado da vertigem das alturas e mergulhou no caos contemporâneo.

E em consequência sofre, porque passou a ser mero instrumento das coisas.

É Nicolas Berdiaeff que, numa expressão bem feliz, fornece aos homens a consciência da origem de todos esses maiores precisadores da profunda, incoerência da humanidade.

"O próprio Deus, si se pode dizer, espera do homem a sua ação creadora. Mas, ao envez de voltar para Deus a sua contribuição creadora e de restituir a Deus a livre superabundância de suas forças, o homem dispenderá e destruirá suas forças creadoras na afirmação de se mesmo, gravitando á periferia das coisas.

É que o homem quiz ultrapassar-se a si mesmo, porem gastou as suas energias inutilmente, porque não podendo conduzir-se sozinho, subordinou-se às forças da negação e se destruiu a si próprio.

E é precisamente esse homem deslocado, destituído de sua personalidade, fraco instrumento em face das coisas que ele próprio criou, o grande legado do Renascimento.

Ele é, pode-se dizer, o próprio homem do Renascimento, que destruiu o próprio Renascimento. É o homem que na sua "anciade de liberar, sentiu despertar o seu espírito creador e abusou de sua cultura, deslocando-se assim do Renascimento para afirmar a decadência, uma das formas do Renascimento.

Tudo indica que o mundo vive no momento, uma hora de profunda transição a um novo ritmo de vida.

É que um homem novo se afirma. Não mais aquele homem que deslocou-se de Deus e quis acha-Lo em si próprio, nem aquele outro que procurou substituir-Lo na coletividade e nela desdobrar a sua própria individualidade. Não mais aquele homem que destruiu a sua personalidade ao subordinar-se aos impositivos da natureza, nem o homem joguetes das forças econômicas sem capacidade de reação.

Nem tampouco o homem que se destruiu na coletividade e que, tentando realizar a síntese dos valores, materializou a sua destruição.

Mas o homem novo,

Aquele homem que se orienta para o alto e busca em Deus a suprema felicidade.

O homem que tem consciência de sua personalidade e reconhece a sua semelhança a Deus, pelo seu arbitrio individual, pela sua relativa capacidade de interferência e pelo seu poder de transformar as faces das coisas pela sua ação creadora; e que reconhece a sua submissão a Deus, porque Ele lhe deu energias creadoras, inteligência, e mesmo por dirigir os destinos dos povos.

Dai, tudo fazer é, o homem, em louvor de Deus.

Este homem reconhece o erro, pois tem consciência e livre arbitrio.

E si é que tem consciência, vê que a natureza obedece aos supremos ditames de Deus e Deus não erra,

Assim, ele olha a natureza, como inocência e pureza, enquanto por sua consciência, errou muitas vezes.

E por isso, vê a necessidade de interferir nos fenômenos históricos, prevenir o futuro, amenizar os dissabores humanos, reparar o erro.

(continua na pag. 22)



AZULEJO DO CLAUSTRO DOS FRANCISCANOS DE RECIFE

Arte Sácia no Brasil

por GEO CHARLES

O ESTILO das igrejas do Brasil que datam, na maior parte, do 17.^o, do 18.^o e do 19.^o século, é conforme aos templos portugueses dessas épocas.

Essa arquitetura, nascida da Renascença foi importada do Portugal, alguns anos após a conquista do Brasil.

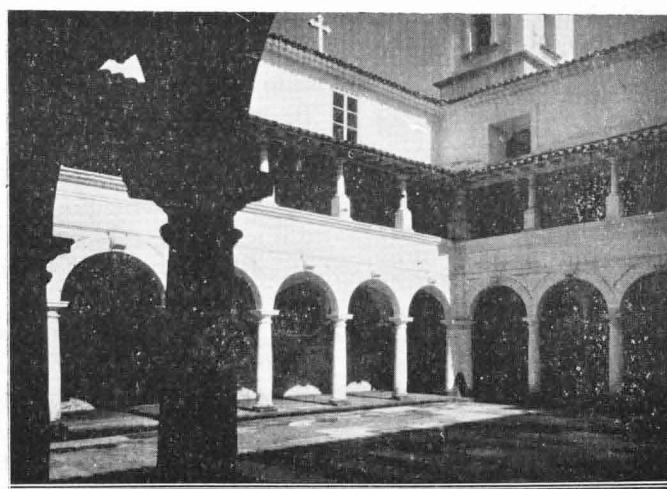
Modificando-se ligeiramente pela continuação. A pintura, a escultura, os azulejos, os claustros têm a mesma origem. As primeiras igrejas do 16.^o século que resistiram às vissicitudes do tempo são extremamente raras. A guerra holanda-portuguesa, no começo do 16.^o século, deu-lhes um golpe fatal principalmente ao estado de Pernambuco.

O encanto das igrejas brasileiras une-se intimamente à luxúria de uma Natureza prodigiosa de cores e de formas e tem o espírito "babélico" de um povo formado pelo sangue misturado dos negros, dos índios e do branco. Esses templos erguem torres e frontões volutas no azul tropical. Sua beleza "baroca" triunfa no meio de terras vermeilhas e rouxas e de colinas verdes, entre palmeiras, coqueiros e pesados cachos de frutos. Seus muros brancos, azuis, roseos ou amarelos palpitan no calor, suas portas e janelas, seus balcões revestem-se de uma nota íntima.

O POETA E JORNALISTA GEO CHARLES, QUE EM 1930, EM COMPANHIA DO NOSSO COLEGA VICENTE DO RÉGO MONTEIRO, TROUXE AO RECIFE, RIO E SÃO PAULO, UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA "L'ECOLE DE PARIS", PATROCINADA PELA REVISTA MONTPARNASSÉ, EXPOSIÇÃO QUE MARCOU UMA DATA NA HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL, ENVIOU-NOS DE PARIS ESTA VISTA D'OLHOS SOBRE A ARTE SÁCRA NO BRASIL, FRUTO DE SUAS PESQUIZAS QUANDO DE SUA ESTADA EM NOSSO PAÍS.

Ao anoitecer, a arquitetura das igrejas mesmo as mais singelas, ficam sublimes. As nuvens violetas, imóveis como

balões cativos, contemplam numa placidez comovente, as igrejas banhadas em azul dourado.



PÁTEO INTERNO DA CLAUSURA DOS FRANCISCANOS DE RECIFE

Ali, um frontão visto por traz lembra um muro de pelota basca. Um campanário ocre e esculpido, evoca naturalmente a Iberia, um outro frontão recortado, um ídolo chato. As primeiras palmeiras assentam pesadamente suas palmas de elefante; no Norte os coqueiros cruzam ao longe suas pernas planetárias... sobre as cabeças palmilhadas gofeja uma luz tão envernizada que parece uma água dourada, uma resina... um vôo de canários castanhos cae no azul verdejante...

O formigamento decorativo ao interior das igrejas não surpreende no Brasil.

A natureza americana não é ela uma catedral, da qual as árvores e as grandes hervas, enxias de animais e réptis, de pássaros, insetos, de frutos, de flores, de borboletas de cores as mais vivas, formando arcadas vivas? Nada nos surprende então, de encontrar na Baía, em Ouro Preto, e Oinda aqueles altares de pilares cobertos de uma vegetação de ouro e prata, onde chilream pássaros azuis e vermelhos sob o vôo de uma pomba espiritual aos raios de ouro.

E si nas igrejas mais modestas as ricas matérias desapareceram, elas foram substituídas por decorações cerradas

(Continua na página 23)

TRANSFORMADA EM "AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA" A "FEDERAÇÃO DAS CLASSES TRABALHADORAS"

Em assembléa geral a 25 de Setembro último, a Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco transformou-se em Ação Educacional Proletária, decisão essa que teve sim-pática repercussão, através de comentários da Imprensa dia-ria e do Radio Clube de Pernambuco. Entre outros transcrevemos, abaixo, um artigo da "Folha da Manhã" de 26 de Setembro, e a crônica lida ao microfônio da P. R. A. S, a respeito:

AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

Uma iniciativa que justifica um comentário de elogio é esta que transforma a Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco em Ação Educacional Proletária. O antigo e prestigioso órgão do operariado pernambucano, cheio de reais serviços à causa a que se consagrou, cumpriu, integralmente, o seu programa de lutas e de reivindicações. Hoje, uma legislação esclarecida tutela os direitos das classes trabalhadoras, defendendo as prerrogativas do homem que, nas fábricas e noutros centros de atividades, presta o seu concorso imprescindível à grandeza coletiva. E um governo em dia com os seus deveres exercita a sábia política de ação social que a lei escrita consagra na sabedoria dos seus textos. Resta voltar a atenção para um aspecto do problema: o do desenvolvimento da mentalidade proletária, através da execução de um programa cultural e intenso trabalho pelo alevantamento do nível econômico das associações que reunem e disciplinam as massas. Essa será a nobre tarefa da Ação Educacional Proletária que se inicia sob os melhores auspícios.

(Jornal da Tarde, Radio Clube de Pernambuco)

—:—

Em assembléa geral, hontem realizada, vem de transformar-se em Ação Educacional Proletária, a tradicional mentora dos trabalhadores de Pernambuco — Federação das Classes Trabalhadoras.

A novel associação, que reúne em seu seio elementos de relevo nos meios trabalhistas e intelectuais, desenvolverá entre os trabalhadores do Estado, uma ação intensa para o seu alevantamento cultural, moral, e econômico.

O programa da Ação Educacional Proletária já foi divulgado na imprensa.

A assembléa geral realizou-se num ambiente de entusiasmo, tendo sido unanimemente aprovada a transformação da Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco na Ação Educacional Proletaria, assumindo esta última o activo e passivo da antecessora.

Coube a direção dos trabalhos, aos srs. Ozias Burgos, dr. José Julião Neto, Alexandre Fonseca e Vicente do Rêgo Monteiro, sob a presidência do sr. Edgar Fernandes.

O Conselho deliberativo da Ação Educacional Proletária ficou constituído do seguinte: Presidente — Edgar Fernandes. Secretario geral — Silvino Lira. Conselheiros — Alexandre Fonseca, Vicente do Rêgo Monteiro, Acidino José da Costa.

A Ação Educacional Proletária conta já com o apoio dos drs. José Julião Neto, Gonçalves Fernandes, Arnobio Graça, professor Vicente Fitipaldi, srs. Nelson Castro e Silva, Vicente Gouveia, Mario Apolinario, Arthur Menezes, dr. Tavares Buril.

(Folha da Manhã)



PINTURA DE DERAIN

OS MESTRES DA PINTURA MODERNA DERAIN

André DERAIN é o mestre clássico da pintura moderna. Ele forma um grande trío em companhia de Matisse e Vlaminek, conjunto que por sua vez com o trío cubista Picasso, Braque, e Leger compõe a mais bela equipe da Escola de Paris.

Si Picasso é espanhol e as origens de Vlaminek nascido em Paris, são flamengas, as de Derain, Matisse, Braque e Leger são essencialmente francêsas.

André Derain nasceu em Chatou, em 1880. Preparou-se para a Escola Politécnica, abandonando-a entregou-se a pintura. Foi um dos criadores do "fauvisme", e o seu flirte com o cubismo foi de curta duração.

E' um grande desenhista e o mais clássico dos pintores francêsas.

Suas obras estão nos melhores museus de França e do Estrangeiro e em todas as grandes coleções.

André Derain ilustrou varias obras dos poetas Guillaume Appolinaire, Max Jacob, André Salmon, Reverdy, etc., compoz cenários para os Bailados Russos de Daghilew e representações do Conde de Beaumont.

GEO CHARLES



TRECHO DO RIO CAPIBARIBE

O RIO CAPIBARIBE

SOUZA BARROS

Para "RENOVAÇÃO"

EM parte está destruída a teoria de que a margem dos grandes rios surgiram sempre os grandes núcleos de população. Muitas cidades foram edificadas nos altos; outras foram criadas por motivos de guerra, de defesa, algumas até por capricho. Os portos de mar foram quasi todos, a princípio, pontos estratégicos, portos de guerra. A cidade do Recife tem a sua origem à meia distância dessas duas teorias; ponto estratégico e porto comercial. A beleza do Recife, porém, está sobretudo, no rio; nos aspectos que lhe emprestam as suas pontes monumentais, no rendilhado caprichoso do seu leito, tomando direções tão contrárias, antes de se entregar ao Atlântico. O rio não tem a "nevoa pesada e sonolenta" de que nos fala o poeta, nem faz desejar os portos cheios de mastros e vozes. "É um prolongamento alegre do porto: aqui e ali descançam barcaças, descem pesadas alvarengas de carvão. É uma interpenetração de vida marítima e terrestre". Tempos houve de fastígio e grandeza para o rio; as suas margens eram procuradas e as casas grandes não se diminuiam ao seu contacto. O rio era meio de comunicação, único talvez. Via sempre interessante de passeio; tam-

bém cortejos fúnebres, nupciais e até procissões serviam-se do seu leito...

Quem quiser, porém, saborear o Capibaribe não pode contentar-se com o perfil que ele nos oferece dentro da cidade. É exato que as pontes impressionam, que o volume d'água é estupendo e o leito tem magestade. Mas é preciso distinguir entre o rio e a maré. Quantas pessoas saberão que a foz do Capibaribe fica, hoje, exatamente na Ponte Giratória? O rio está, assim, degradado. Para sentir-se o rio é preciso subir com ele e ir descobri-lo, na intimidade, da ponte da Torre para cima. No cortume Barbalho já começa a existir um movimento de embarcações que nos dá a idéia de transito fluvial. As margens começam a ter a sua população ribeirinha que vive do rio, que anda sobre ele, que se banha nas suas águas. As marcas da ocupação do homem vão desaparecendo ou se tornando menos viva. Uma curva em cotovelo, perto da Jaqueira, estreitando-o, restitue, à sua corrente e às suas margens, o imperio que lhe to-

"MEDITACIONES DEL QUIJOTE"

CALPE — MADRID

Euma edição do conhecido livro de José Ortega y Gasset que ha poucos dias passou por esta cidade, rumo à Argentina.

O notável pensador espanhol é difícil de ser sistematizado em uma classificação que indique toda a orientação do seu pensamento. Isso acontece com quasi todos os modernos pensadores. Espíritos audazes, ageis, não se ordenam num sistema próprio, nem num único de outrem. São dispersivos, apesar de não menos inteligentes.

Ortega Y Gasset no presente livro de meditações, a Keyserling, começando dos fatos legitimamente espanhóis, ligados ao assunto do livro, passa às cogitações sem fronteiras, universais.

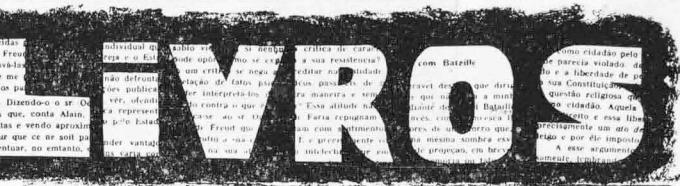
Mas, como iamos dizendo, Gasset, apesar de não formar um conjunto, uma totalidade de pensamento, coerente, as partes se justificando, tem para a mocidade inquiridora dos grandes vôos do espírito, cousas notáveis e sugestivas além do seu suave modo de dizer as cousas. Suavíssimo, mesmo.

As primeiras páginas, tem este trecho que deixa toda nossa afetividade completamente bombardeada: "Yo quisiera proponer en estos ensayos a los lectores más jóvenes que yo, únicos a quienes puedo, sin inmodestia dirigirme personalmente, que expullen de sus ánimos todo habito de odiosidad y aspiren fuertemente a que el amor vuelva a administrar el universo".

Mais aidante, tem estas palavras valentes que me fizeram lembrar a situação de certos católicos burgueses: "En fin, no deja de ser utilitaria una moral porque ela no lo sea, si el individuo que la adopta la maneja utilitariamente para hacerse más cómoda y fácil la existencia".

Debaixo do ponto de vista da filosofia perene, do pensamento cristão, Ortega tem desvios, que só os evitam aqueles que estão completamente integrados no pensamento da Igreja. Podemos, portanto, apreciá-lo, somente em flâncantes parciais do seu espírito.

O brilhante sociólogo de A rebeldia das massas faz um es-



tudo sobre a "circunstancia" explicando e interpretando o valor dos fatos humildes que à primeira vista damos sem valôr.

As linhas do primeiro capítulo são dedicadas ao leitor. Segue-se a "Meditacione preliminar". Começa, então, a tratar propriamente de fatos relativos ao "Don Quijote".

Nega a cultura latina. Aceita uma mediterranea. Porem, somente, cultura em extensão. Cultura em profundidade possuem os germanos, continuadores, para ele, da legítima cultura grega. Mostra-se um enamorado da cultura teutônica.

Aborda fatos com uma grande originalidade de observações.

Segue-se a "Meditacione Primeira — Breve tratado de la Novela", em que aborda assuntos literários, de estilos, de escolas, de personagens, tudo em relação, algumas das vezes fugidia, com a super famosa obra de Cervantes.

Termina fazendo uma crítica, um pouco irônica, de certo naturalismo literário. Invêtila o darwinismo determinista em sua influência sobre a literatura e conclui: "Una noche en el péré Lachaise, Boulevard y Péchuchet entierran la poesía — en honor a la verosimilitud y al determinismo".

Na rapidez destas linhas não podemos dar uma notícia mais completa. Fiquemos aqui.

Bom livro

"Do Governo dos Príncipes — Do Governo dos Judeus" — Ed. A B C

São lições dadas por S. Tomás ao rei de Cipro e respostas à Duquesa de Brabante. Tradução de Arlindo Veiga dos Santos. Traz um bom prefácio de Leonardo Van Acker. Bom de verdade. Em 3 páginas, Sucinto. Mas, somente, sumo. De sagradas idéias. De grandes esperanças.

São umas maravilhosas lições daquelas que S. Tomás sabe nos dar. O pensamento do aquinata não obedece ás fronteiras dos calendários. Arrebenta a marcação dos tempos. É eterno.

Não que, aqui, avaliar qualquer cousa de S.

Tomás. Ele é imponderável. E para nós...

Otavio de Faria insinuou as lições de Maquiavél para a política do Brasil. O prefaciador, acima citado, mais acertadamente, indica as lições de S. Tomás. Nesse sentido parece ter sido feita a tradução que agora noticiamos.

S. Tomás justifica "de como é necessário que os homens, vivendo em sociedade, sejam governados por alguém". Faz um estudo dos diversos regimens de governo, bons e maus. Demarca as finalidades que hão de mover o *príncipe* a governar. Acentua, num intuito de anular no espírito do rei de Cipro, a raiz da tirania, as vantagens terrenas e ultraterrenas do bom rei. Mostra a função do rei, fazendo ver que ele no reino é como alma no corpo e Deus no mundo. Assinala bem todos os princípios de governo. Porem, num sentido moral. E não poderia ser de outra maneira em S. Tomás. Ao conjunto dessas simplíssimas lições de Política podemos chamar sem qualquer exagero de *anti-Maquiavel*.

Em seguida dá ensinamentos sobre a escolha de lugares para construção de cidades e fortalezas, tudo em função da boa saúde dos habitantes e facilidade de defesa. Dá informações ecológicas e climatológicas que muito bem poderiam ter sido orientadoras de Montesquieu e passam quináus a Buckle e Huntington. Encara também a moderníssima questão de autarquia econômica.

A segunda parte são respostas dadas à Duquesa de Brabante, sobre os problemas dos judeus que tanto preocupam a sociedade moderna. S. Tomás, responde favoravelmente á imposição de tributos aos judeus. Estuda, ou melhor, ensina sobre a questão de impéctos, também em atualidade. Por fim, acorda em que os judeus devam trazer um sinal que os distinga dos cristãos.

É a voz do senso medieval, iluminado pela graça divina, simples e sábio, que vem nos dar lições, sobre assuntos que o desequilíbrio terrível do mundo moderno não nos deixava pensar com acerto.

É o pensamento eterno.
...Imponderável.

AUGUSTO DUQUE

O RIO CAPIBARIBE

maram, dentro da cidade. Antes de se chegar a êsse ponto, na hora de preamar, manhã cedinho, quando a ausência de vento deixa as suas águas em quietude, o mundo de imagens torna-se duplo e o rio reflete a paisagem ribeirinha, velhas árvores, graves palmeiras imperiais, massas curiosas da habitação humana, muitas destas ainda ao gosto das velhas casas de biqueira, com bons telhados portugueses, em quatro águas. É uma policromia de cores que provoca admiração aos mais diferentes e que nos põe em hora com a poesia imensa da cidade.

Foi talvez considerando todos êsses efeitos, toda essa poesia perdida, o encanto do Capibaribe que é preciso reviver e aproveitar, que o Serviço de Propaganda e Estatística das Docas, está pretendendo promover excursões no rio, em lanchas, até o Ambolê. O recifense e as pessoas que nos visitem terão, assim, uma derivante do automóvel para os seus passeios. Um outro ângulo se abriria aos admiradores da cidade: vê-la do rio que ainda guarda consigo, com avareza, uma porção de segredos e de cores do Recife, como a vingar-se do desprezo que os homens lhe deram...



O APÓS GUERRA — DESENHO DE GOERG GROSZ

DOIS MUNDOS

por ANDRADE LIMA FII HO

Espritos sobressaltados, um ritmo descompassado de angústia nos corações, eis-nos enfim em face da guerra. Realidade estúpida e feroz que arrebata e comove ao mesmo tempo.

Ha muito anunciada e posta em equação nas crônicas dos Pertinax de todos os feitiços, sutilmente coada nos venenosos filtros dos "trusts" armamentistas em mãos do poder judaico, vem, afinal, de abater-se sobre o mundo a sinistra aventura.

Rompidos, de chofre, os frágeis laços que mantinham o falso equilíbrio de uma paz tão ansiada mas tão comprometida nos lances egoísticos de um mundo doido e desnorteado, o primeiro sentimento que nos possuiu a todos foi ainda o de estupor. Porque, embora esperada a qualquer momento a erupção vulcânica, ainda assim subiam de todos os corações um apelo ao possível bom senso dos governantes da terra e uma prece àquele que "dirige os destinos dos povos".

O fantasma apocalítico, porém, tinha de vir. Certamente Deus quis mais uma vez confundir a soberba e o egoísmo dos homens. E os últimos rumores das fracassadas entre-falas diplomáticas foram subitamente abafados pela voz metálica dos canhões. Já agora as azas da destruição e da morte cruzam os céus ainda cheios das preces de aflitas mães, de desoladas esposas, de creancinhas tranzidas de pavor. Cidades bombardeadas, navios torpedeados, choques de baionetas, cargas de cavalaria, e a miséria e o luto se alastrando pelas terras amaldiçoadas de um continente que guarda, ainda assim, no seu bojo os mais belos tesouros artísticos e espirituais da humanidade cristã.

Mas agora, depois de uma quinzena de luta, quando os odios se devoram no entrechoque dos ferros, quando os ouvidos ensurdecem com o estrondo da metralha, quando os campos se ensopam da lama sangrenta e os lares, os tristes lares europeus, se enviuam e orfanizam no Velho Mundo esquartelado, agora, passada a primeira comoção instintiva, já podemos olhar com mais serenidade para aquele drama complexo e angustiante, para aquela imensa tragédia esquiliana.

A nossa primeira altitude em face do conflito europeu, examinadas as coisas sob um prisma realista, não pode ser de aplauso nem da condenação. Qualquer das duas hipóteses seria absurda. Temos que aceitar o fato consumado. Como disse alguém, "não se inventiva uma tempestade ou um terremoto". E a guerra, em si mesma, é um fenômeno tão imperioso e incoercível como esses movimentos cegos e irrefreáveis da natureza.

Aceitemo-la, pois, nessa categoria, sem nos determos em aprofundar a tese — que não é o objetivo desta nota — e tirermos dos acontecimentos as lições que eles nos oferecem, a nós outros, latino-americanos.

Essa guerra, como todas as anteriores e todas as que hão de vir, teria fundamentos sociais e políticos, mas apresenta, sobretudo, um fundamento econômico. Não deixaria de ser talvez um conflito de mentalidades, um duelo de culturas e sistemas, mas no fundo é ainda e essencialmente um formidável choque de interesses vitais de parte a parte. São povos de viveres escassos e povos que vivem na fartura que cru-

zam os seus ferros na hora trágica que vivemos. Para uns a guerra será de qualquer modo uma libertação. Para os outros será um meio cruel de assegurar para si o privilégio de uma vida abastada de goso, de domínio, de abundância, mascarando intuições de continuidade hegemônica com o apregoado altruísmo de campeões da liberdade.

A Europa é o continente dos eternos desequilíbrios históricos e geográficos. O seu mapa oferece as mais frequentes mutações. As fronteiras dos seus países avançam e recuam, se alargam ou se aperiam, ao impulso expansionista das hegemonias renascentes.

Muito ao contrário do que acontece entre nós outros, sul-americanos, em cujo continente não medram tais impulsos de reivindicações territoriais porquanto somos, cada povo, dono incontestável do solo que habita, com fronteiras definidas e definitivas e com a posse mansa e pacífica dos respectivos territórios onde germina a semente de uma nova Civilização. Civilização que, por destinação histórica irremovível, ha de partir do Brasil, para cujas gerações já foi traduzido integralmente o manifesto emancipadôr que o gênio de Simão Bolívar lançou aos povos co-irmãos do *nossa continente* das grimpas magestosas do Chimborazzo.

"UZINA IPOJUCA"

Dourado & Monteiro Ltd.

PRODUÇÃO

AÇUCAR	100.000	SACOS
ALCOOL	500.000	LITROS

Escritório — RUA DO BOM JESUS, 227 - 2.º and.

End. Tel.: "JUCANA" — Fone 9374

RECIFE

MUNICIPIO DE IPOJUCA — PERNAMBUCO

BANCO AUXILIAR DO COMÉRCIO

CARTAS PATENTES Ns. 513 E 1756, de 12-3-1927
e 9 — 5 — 1938

Instalado em 26 de Dezembro de 1912

CAPITAL E RESERVAS	Rs. 7.020.782.8150
DIVIDENDOS DISTRIBUIDOS	Rs. 5.050.000.000

Operações Bancárias em Geral

Filial na cidade de Caruaru

Sede Central: — RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Funciona em edifício próprio

RUA 1.º de Marco N.º 25 — End. tele.: AUXILBANCO

Caixa Postal 215 — Gerente: Artur Pio dos Santos

CAFE' LIBERDADE

O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGENERES

Sempre com o fito de bem servir aos seus consumidores, distribuindo além das qualidades excepcionais, lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFE' LIBERDADE é uma demonstração de bom gosto.

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

(Filial de OLINDA)

E bem verdade — e aqui cabe a advertência — que, si não temos intuições de reivindicações territoriais, si a ambição expansionista não é mal orgânico da *nossa América*, todavia não estamos fora do raio de ação dos imperialismos agressivos que existem em *todos os continentes*, seja na Ásia, seja na Europa, seja em outra qualquer parte... Com exceção da África, que é o prato oferecido à voracidade de todos os glutões...

Mas... voltemos ao drama da Europa convulsionada.

A experiência histórica demonstra que os povos europeus sabem vencer a guerra mas não sabem consolidar a paz. E ai está porque, mal passados 20 anos da conflagração terrível de 1914-1918, os povos daquele continente apelam outra vez para as armas quasi que ainda fumegantes afim de fazerem nova revisão na carta geográfica do Velho Mundo combatido e inquieto.

Deante desse novo choque, ignorando os insondáveis segredos diplomáticos que o precederam, informados pelas agências telegráficas orientadas pelo judaísmo messiânico interessado na ruina dos povos cristãos, trabalhados insensivelmente pelas iramas misteriosas e perversas do bolchevismo e da maçonaria a serviço das sinagogas, com que povo acharemos nos que estará a razão? E haverá, por ventura, quem tenha razão absoluta nessa Europa que começa por não se conhecer a si mesma, presa no torvelinho de paixões contraditorias e incoercíveis, agregado triste de países em decadência espiritual, aglomerado de povos que se comprimem em espaços que não comportam as próprias densidades demográficas, nações de presa e de aventura, imperialismos ferozes, mosaicos de raças contrastantes, dramas de minorias que se odeiam e se agride no mesmo solo, creações artificiais de países de vida efêmera? Quem tem razão no pandemônio europeu? Duras e difíceis interrogações. Equação complexíssima deante da qual a inteligência humana vacila e só, unicamente só, a conveniência calculada ou o entusiasmo exponencial podem se manifestar, tomando partido.

Costuma-se, e com razão, apontar o Tratado de Versailles como causa primordial do atual conflito europeu. Com efeito, em Versailles, ao invés de se consolidar a paz criando-lhe bases duradouras e justas, procuraram os aliados lavrar a sentença de morte de um povo tão digno de viver, como os outros, á face da terra. Porque os erros desse povo não são nem maiores nem menores do que os erros dos seus semelhantes.

Encurralada a orgulhosa Germânia, expoliada de todas as suas colônias, cercada de estados tampões, desfalcada de territórios, reduzidas as suas marinhas de guerra e mercante, que pretendia mos insensatos aliados sinão que o ódio se amontoasse nas novas gerações e o desejo de vingança crescesse na razão direta da afronta recebida?

Si a memória não nos atraíçoá, foi o nosso Vicente Lúcio Cardoso que, já em 1922, após uma viagem pela Alemanha, previra o ressurgimento germânico, tal a visão que ele teve das energias daquele povo, de suas qualidades e de seus méritos.

Foi o que sucedeu com o advento do nazismo que, apesar do seu conteúdo racista e pagão, dos seus erros e heresias, no dizer de Pio XI, foi ainda assim a barreira oposta á invasão das hordas soviéticas.

Sentindo-se suficientemente poderosa, a Alemanha exigiou as suas colônias e os seus territórios europeus. Apareceu a teoria do "espaço vital". Os aliados de 14 não tiveram o bom senso de voltar em tempo para uma revisão com honra do erro de Versailles. A Alemanha começou então a agir. Primeiro o Sarre, que anexou por um plebiscito aliás previsto no famoso tratado. Depois, a Áustria, cuja anexação, realizando embora o velho sonho do pan-germanismo — que sempre foi o de reunir sob um só governo as três nações germânicas da Europa (Áustria, Alemanha e Prússia) — foi ainda consequência recente de outro erro de Versailles, porquanto os aliados construiram após a guerra uma Áustria sem condições de vida própria e destinada a uma duração efêmera.

Os aliados de 14 se assustam com a inevitável e lógica expansão alemã.

Chega ao auge a crise tcheca. Dá-se a jornada de Munich de onde a Alemanha sai mais uma vez vitoriosa, com a anexação da Sudetolandia. Posteriormente se desagrega o resto da criação artificial de Versailles — a Tchecoslováquia — com o aparecimento do protetorado da Boêmia e da Morávia e do estado semi-autônomo Eslováquia. Nessa ocasião — é interessante frizar — a Polônia participa do êxito germânico, tirando também o seu quinhão á presa tcheca,

como já o fizera meses antes arrebatando à força a cidade de Vilna á Lituania.

Essas sucessivas vitórias sem batalhas, assombram ao governo britânico. Chega a vez de Dantzig e do Corredor Polonês. A entente franco-inglesa bate o pé contra a nova investida alemã. E inicia a chamada política do cerco.

Para tanto a Inglaterra e a França procuram obter em vão o apoio militar da Rússia.

Mas, quando a Alemanha parecia cercada, dá-se a revolta espantosa: o pacto teuto-soviético de não agressão, mediante o qual a Alemanha nacional-socialista, mantendo o urso vermelho equidistante das partes em conflito, assegura o seu abastecimento de petróleo e de viveres no mercado russo, mas pacto cujas consequências futuras permanecem enigmáticas.

Rompido dessa forma inesperada o cerco, a Alemanha pressionou a Polônia para obter a devolução de Dantzig e do Corredor. A Polônia não cede. A Inglaterra e a França, apesar da derrota espetacular das suas missões diplomáticas e militares em Moscou, já tinham gritado muito alto o seu apoio à Polônia.

Dá-se então o inevitável e a guerra explode. França e Inglaterra desrespeitam o famoso princípio da auto-determinação dos povos aceito em Munich pelos srs. Daladier e Chamberlain. A Polônia, que invocara esse mesmo princípio em causa própria no caso de Vilna e na repartição da Tchecoslováquia, recusa-se agora a aceitá-lo. Inutilmente a Itália, que ainda se conserva neutra, procurou chamar à razão, as chancelarias europeias, demonstrando o absurdo de uma guerra generalizada por causa de Dantzig. Foram vãs todas as tentativas. Era o inevitável. A guerra tinha de vir enxarcar outra vez de sangue os campos da Europa, para gaudio das forças do mal.

E quando as sombras de uma longa noite se abatem sobre o Velho Mundo em decadência, tiremos dos acontecimentos as lições e os exemplos que eles sugerem, à vista de um mundo dilacerado por imperialismos econômicos que se repelem e se agrideem furiosamente.

Si a guerra prolongar-se, como tudo parece indicar, não procuremos saber quem vencerá. Indaguemos o que sairá do caos.

No momento de suprema confusão judaica que vivemos, quando as doutrinas mais opostas e irredutíveis aparentemente confraternizam, deixando-nos incapazes de prever a sorte dos próprios sistemas, renovemos a nossa fé em nós outros, sulamericanos, e preparemo-nos para lançar ao mundo que se desmorona, o manifesto da nossa confiança no Futuro, a mensagem serena e pacífica que anunciará o advento de uma nova Humanidade.

Sou a hora da América falar. Da *nossa* América. Da América de Polívar. Dessa América que nasceu aos pés da Cruz-trazida pelas caravelas ibéricas. América anti-marxista, anti-judaica, anti-racista, anti-imperialista, que identifica os fantasmas do áremlin com os do Kaal. Que não mede o crânio de seus filhos no orgulho fátu de uma falsa e refutada ciência mas também não inspira angustias de cativeiros como essa que palpita nos versos melancólicos de Laughton Hughes. América *nossa* que repudia a Odin no mesmo plano que a Babbitt dois símbolos de civilizações materialistas e opressoras porque ambos representam u'a mesma filosofia sob faces aparentemente diversas: a filosofia brutal do "Struggle for life".

America que ergueu no alto do Corcovado a imagem serena e autoritária do Cristo Redentor, comandando as forças virgens do Continente para a Grande Marcha Civilizadora e Cristã.

Ha um mundo em agonia.

Ha um mundo que nasce.

Recife, 15/9/39

N. A. — Este artigo já estava em composição, quando o telegrafo e o rádio anunciaram a agressão brutal à Polônia pelas hordas vermelhas que já teriam *confraternizado* com as tropas nacional-socialistas. Mais um "absurdo" da política europeia. Deante disso, repitamos a pergunta feita no corpo do artigo: o que sairá do caos?

UZINA NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS

GOIANA — PERNAMBUCO — BRASIL

Produção : 150.000 sacos de açúcar e

1 milhão de litros de álcool

Propriedade da Companhia Açucareira
de Goiana

A Manteiga "ITACOLOMY"

E' A USADA E RECOMENDADA PELOS
PALADARES FINOS

A VENDA NA
CONFEITARIA INDEPENDENCIA
E NAS PRINCIPAIS CASAS DE ESPECIARIAS
DESTA CAPITAL

PADARIA ATOMATICA

ACREDITADO ESTABELECIMENTO

Eduardo Lima & Cia.

Rua das Florentinas, 199

FONE 6328

Recife — Pernambuco

A PRINCESA DOS DÓLARES

José Medeiros

84 — . . Rua 1.º Março — 84

Fone 6124.

RECIFE



MAQUINISMOS
INDUSTRIALIS DE
PRINCIPAIS
FABRICAS
NACIONAIS NORTE-
AMERICANAS
E ESCANDINAVAS

Av. Marquês de Olinda, 222
MATERIAIS PARA ESCÓOLAS E
LABORATÓRIOS QUÍMICOS

Padaria Leão do Norte

FUNDADA EM 1845

A MAIS ANTIGA DA CIDADE

Casa especialista em Pães Francêses, Biscoitos, etc.
Fabricante das afamadas bolachinhas DELICIAS
e NENEM

MOVIDA A ELETRICIDADE

João Moreira da Silva

PATEO DO TERÇO N.º 28 — Fone 6690

RECIFE

CORTUME "SÃO JOÃO"

Compra de Péles e Couros

Souza & Irmãos

Casa Matriz — AVENIDA SÃO JOÃO, 226

CARuarú

Filial — RUA PADRE MUNIZ, 206

Teleg.: "SOUZA"

Caixa Postal 232 — Telefone N. 6714

RECIFE — PERNAMBUCO

CORTIDORES E

Exportadores de péles, couros, lã de carneiro, cabelo de boi e de cabra, Cera de abelha, etc.

TEATRO E ARTE POPULAR

por JOSÉ CAMPELLO

(Continuação da pagina 7)

sim o contacto direto entre o pensamento que inspirou a obra teatral e o público.

Os conjuntos de atores são organizados de maneira a comparecerem deante dos mesmos espectadores, pelo menos uma vez por mez. Esses atores estudam a capacidade do público local, desenvolvem-na, até dar-lhes peças que os façam pensar e não apenas rir. Desempenham, peças de classicos alemães, dramas históricos que interpretam a história nacional, social e de costumes familiares. Quando á música, concertos populares em número considerável são organizados "para que a música, a arte que mais diretamente se dirige ao homem, possa ser profundamente sentida pelas massas populares". Visitas, aos museus previamente organizadas, levam o povo "à presença de obras de arte para que ele possa ter uma idéa, pelo pelo menos, da grandeza espiritual que se desprende dos quadros, estatuas e das gravuras dos grandes artistas". Enfim, "a arte foi chamada a desempenhar — diz Ariosto Espinheiro — o papel de agente de ligação entre o trabalho e as horas de folga; ela é empregada não só para por á prova a receptividade do operário, mas ainda para desenvolver a sua espontaneidade e exaltar as forças da sua alma".

A educação artística musical do povo alemão não tem similar em qualquer país. E' extraordinário o número de amadores que conhecem bem as sinfonias de Hayden, de Mozart, de Beethoven, da Schubert, de Brahms.

Já antes da guerra, numa das suas grandes "enquêtes" internacionais, o famoso reporter, francês Jules Huret atribuia a superioridade das artes decorativas e de muitas industrias da Alemanha á educação artística do seu povo. Todas as escolas ensinam os seus alunos a desenhar com segurança e agilidade.

E a arte do desenho é um meio habil de comunicação e, como tal, uma atividade essencialmente social.

W. Charters, de cujas idéas tanto se utiliza Delgado de Carvalho na sua "Sociologia Educacional", considera o estudo do desenho com um duplo objetivo: em primeiro lugar, o desenvolvimento da capacidade crítica na apreciação em matéria de arte; em segundo lógar, dotar o individuo de uma faculdade capaz de exprimir as suas idéas.

Contentemos os que tudo subordinam a um ponto de vista pragmática, dizendo-lhes que o ensino profundo e obrigatório do desenho é uma fonte de engrandecimento industrial. Na Alemanha, a faculdade do aluno em estilizar a flora e a fauna nas aulas de desenho, favorece o enriquecimento das artes decorativas e dos padrões da industria — a cerâmica, o mobiliário, o ferro batido, os tecidos mais variados.

O individuo que sai das escolas sabendo profundamente o desenho, é um operário de primeira ordem, capaz de correr para a perfeição e ensiquecer o ramo da industria onde vai trabalhar.

Não é menor o interesse pela educação artística do povo nos demais países europeus. E não fujo a tentação de referir-me á Inglaterra com as suas representações ao ar livre, dentre as quais avultam as do teatro Shakespereano, sem "décör", tal como na época da rainha Elizabeth. E fato significativo: os versos de Shakespeare tomam mais côr no cenário despido de decoração, fazendo vibrar a alma e a inteligência das massas.

Na Inglaterra, ao contrário do que possa parecer aos nossos infantis ou suspeitos propugnadores da liberdade de espírito ou da liberdade—liberal—democrática, o teatro seja o teatro popular ou o teatro das élites, é rigorosamente censurado pelo governo. O critico francês René Elvin chama a censura teatral inglesa de infantil, estúpida e arbitrária. Ou, como diz ele textualmente: "os ukases ás vezes infantis, ás vezes francamente estúpidos e sempre arbitrários de Lord Chamberlain".

Eu estou com a censura inglesa... E eis por que o teatro popular na Inglaterra nunca é desviado dos seus superiores fins educativos. A sua função social é a de preservar a Inglaterra puritana e imperialista.

Quero citar um episodio bem significativo da educação artística do povo inglês. Blasco Ibanez verificou que entre os turistas que visitavam anualmente os monumentos e museus de arte da Espanha, figuravam numerosos operários ingleses, que, no periodo de férias, saíram do seu país para conhecer as maravilhas da arte peninsular...

Somente agora, infelizmente, é que se vai cogitando, no Brasil, da Educação artística do povo. Mas o que existe entre nós a respeito é apenas um vago arremedo, de linhas tão tenues que passam quasi desapercebidas aos olhos do observador. Mas quanto poderíamos fazer pela educação artística do povo, elevando-o da baixa condição de vida em que ele atualmente vegeta!

Particularmente, em Pernambuco, podíamos nós organizar um programa de educação artística do povo, dentro das nossas possibilidades econômicas e financeiras. E a execução desse programa podia ser confiada à Ação Educacional, a Escola de Belas Artes de Pernambuco, que tanto nos honra como expressão de cultura e capacidade de resistência às deficiencias do meio e às hostilidades do despeito e das restrições regionalistas. Com maiores subvenções, a Ação Educacional Proletária e a Escola creariam cursos populares de ensino de artes plásticas, artes decorativas, onde fosse obrigatória a estilização de motivos regionais — da nossa flora, da nossa fauna, das nossas lendas. Ensinar-se-ia o operário a dar uma feição artística a sua casa. Procurar-se-ia crear uma arte popular original, curiosa e atraente.

A Ação Educacional pode realizar nesse sentido uma obra notável.

Dar-se-ia a maior amplitude ao ensino da Música e do Teatro, que é o instrumento mais eficiente de educação e elevação das massas.

Não podemos pensar na organização das associações dramáticas particulares como existe na Inglaterra, onde elas se multiplicam de maneira considerável. Não podemos contar, também, com a espontaneidade da criação teatral francesa, italiana ou alemã, produto de uma cultura muitas vezes secular e de uma formação, étnica superior. A educação artística do povo entre nós, tem que partir do alto, dos poderes públicos coadjuvado por uma pequena elite que opera prodígios de tenacidade e de altruismo, com recursos insignificantes e até mesmo ridículos.

Enganam-se todos aqueles que pensam melhorar os costumes da nossa gente, ainda tão rude e mal educada, em grande parte puramente vegetativa, apenas com organizações sindicais e melhoria de salários. Enquanto não recorrermos a sua educação artística intensiva, como se faz em toda parte do mundo, não teremos um povo que saiba viver, mas um mero aglomerado de gente, que apenas vegeta.

GAZOSAS SABÁ

Preparadas com as Aguas Minerais de SABA'
LIMÃO - LARANJA - ABACAXI - MAÇÃ

EMPREZA AGUA DE SABA' LIMITADA

263, Rua do Imperador - Fone 6495

RECIFE

PERNAMBUCO

LOJAS PAULISTA

**A maior organização brasileira
no comércio de tecidos**

Unicos e exclusivos estabelecimentos
revendedores dos afamados tecidos
marca "OLHO"

de côres absolutamente fixas.

Tecidos finos e de padrões variados:
Sédas, voiles, opalines, cambraiias, etc.

**TUDO PELO PRÉÇO MAIS
BARATO DA CIDADE**

Brins nacionais e estrangeiros, Moris, Cretones
Bramates, e outros tecidos cujos preços não
temem competidor.

**UMA VISITA ÀS LOJAS PAULISTA É
O SUFICIENTE PARA SE CONHECER A
VANTAGEM DA QUALIDADE E DE
PRÉÇO DOS TECIDOS
MARCA "OLHO"**

Rua Larga do Rosario
(Praça da Independencia)
e Rua João Pessoa, 260

**Alberto
Lundgren
& Cia. Ltd.**

FILIAIS EM TODO
O BRASIL

ARTE SACRA NO BRASIL

por GEO-CHARLES

(Continuação da página 13)

em forma de flores artificiais anajours de papel, decorações numulares, soham ao asalto dos altares retos, pirâmides ou cénicos, desaparecendo sob as cores os condelabros e castiçais vulgares. Quatro elementos sólidos — a pintura, a escultura e seus derivados, o claustral, o azulejo — vieram de um modo fez harmonizar a igreja brasileira. Os encontramos nas três grandes regiões de arte do Brasil, Pernambuco, Baía e Minas Gerais. Os mais ricos espécimes são os conventos em atividade ou desafetados. Construídos principalmente pelos jesuítas, foram ocupados após o exílio pelos Franciscanos. Os grandes pintores portugueses dos quais podemos admirar suas obras no museu de Lisboa, os Nunos Gonçalves, os Frei Carlos, Gregorio Lopes, Jorge Alfonso e Cristovao de Figueiredo, foram os iniciadores de uma arte que importaram os seus sucessores do 16.^o e do 17.^o século. Entre os monumentos mais lindamente decorados (tectos e paredes), no Estado de Pernambuco, devemos citar o convento de São Francisco de Olinda (vide no n.º 1 de Renovação, as reproduções dos painéis da sacristia do referido convento, e sua fachada, desenho de Hamilton Fernandes), a igreja de S. Pedro de Recife decorada por João de Deus Sepúlveda e Manuel de Jesus Pinho, pintores pernambucanos, a qual sacristia possui alguns painéis notáveis executados por pintores Portugueses; na Baía pátria das igrejas riquíssimas e douradas, os pintores do convento dos Franciscanos e sobretudo os da catedral (antigo convento dos Jesuítas) são de primeira ordem; no Rio de Janeiro, a igreja de São Francisco de Paula foi decorada com maestria pelo mulato Manoel da Cunha (18.^o século), no convento dos Beneditinos encontram-se obras de Ricardo do Pilar (falecido em 1700), de Domingo da Conceição, e de José de Oliveira Rosa; o convento dos Franciscanos e a ordem terceira contém pinturas do mesmo

José de Oliveira. Os escultores de imagens e ornatos em pedra e principalmente em madeira enriqueceram magnificamente as igrejas do Brasil. Entre os mais célebres artistas de Minas Gerais, citamos Valentim, um grande escultor, e Antonio Francisco Lisboa o "Aleijadinho" arquiteto e escultor, famoso. Devo também notar na escola da Baía, seu enete de Iila Chagas, e Manoel Inacio da Costa autor do São Pedro de Alcantara que se acha no convento dos Franciscanos, e esse Vitoriano dos Anjos, que durante 30 anos, entalhando na madeira, decorou de modo soberbo a catedral de Campinas (Estado de São Paulo). E que dizer dos autores, quasi sempre anônimos, que esculpiram todos esses santos e esses Cristos trágicos, sangrentos, espantosamente conmovedores, cujos olhos de sonâmbulos vos perseguem mais além que o Atlântico?

O jacaranda, magnífica madeira escura do Brasil, forneceu os moveis religiosos os mais finos do mundo: cadeiras do côro, púlpitos, confessionários, armários de sacristia, moiduras, altares, portas e escadas.

Os Azulejos, originários d'Africa, de onde os Mouros os transplantaram em Espanha e Portugal, foram enfim importados para o Brasil pelos conquistadores. Essas grandes almoadas de cerâmica, verdadeiros quadros em azul e branco, de assuntos profanos e religiosos, saído de um continente torrido, adaptou-se maravilhosamente ao Brasil.

Os claustros — magnífico, é o dos Franciscanos da Baía — formando campos de sombra e de claridade, pilares brancos, cru e puros, tava-douros de arcadas polvilhadas, as margens de plantas verdes.

Sobre as muralhas cênicas as pinturas cor de anil dos Azulejos, pinturas de estilo português, criam enfim um adorável oásis, dando um pouco de frescor enquanto lá fora, frontões e torres eruem-se num calor terrível.

Lavandaria e Tinturaria Brasil

de OSÍRES AFONSO DE MELO

RUA DA CAMBÔA DO CARMO, 92

FONE 6677

RECIFE

CORTUME "SANTA MARIA"

PEIXINHOS — OLINDA — PERNAMBUCO

BRASIL

Andrade Irmãos

Produtóres de Verniz, Búfalo, Vaquetas, Couros e Tanino, Nêmes, Pelicas, Mestiços e Camurças, Sólas, Raspas Envernizadas, Tingidas, Estampadas, Grosas para Solados e Engraxádos etc.

Depósito à Rua Direita, 12 - Caixa Postal,

641 — Recife. Fábrica e Escritório:

Praça dos Peixinhos, 250

Teleg.: "MANDRADE"

Telefones: Fone. e Esc.: 28.263 Códigos: Mascote, Borges Depósito: 8.325 e Particulares

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Rua General Camara, 240 - Cx. 1.971

END. TEL.: - "KIVAN"

AGENCIAS NOS ESTADOS

E. SANTORO

Importador e Exportador

Pecas e accessórios para automóveis.

Tudo a preços de concorrência

Av. Martins de Barros N.º 252

(Cais do Abacaxi) Fone 6463

RECIFE

CASA DA FORTUNA

A mais antiga casa do norte do BRASIL

FUNDADA EM 1860

Agente F. T. CUNHA

99, RUA 1.º DE MARÇO, 99

Fone 6298 — RECIFE

MARCAS DE QUALIDADE

CAL "CONGAÇARY"

CASSIMIRO ALVES & IRMÃO

Stock permanente de todos os tipos de cal :
Cal branca virgem para fabricação de açúcar, cortumes e construções, cal preta virgem para construções, cal preta extinta para acubos e construções

DEPÓSITO :
PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS, 313
Telefone, 6535 — RECIFE

BRUNO, VELOSO & Cia.

Comissões, Consignações e Conta Própria

Depósito de sacaria nova e usada de açúcar, caçá, cereais, caroço de algodão, anilagens e Algodão em peças

End. Teleg., ERUZOZO Telefone n. 9292
RUA BARÃO DO TRIUMFO N.º 196
RECIFE

AGENCIA RENNER

(Casa das confecções finas

Roupas Prontas de qualidade
Casimiras e linho, desde o popular
palitot saco ao elegante smocking

RUA DUQUE DE CAXIAS N.º 281
RECIFE

D. P. P. CARBURANTE IDEAL

PELA ECONOMIA

PELA EFICIENCIA

PELA SEGURANÇA

Procure a primeira bomba e encha o tanque do seu carro com D. P. P.

DARA' COM ISSO UMA PROVA DE INTERESSE PELA RECONSTRUÇÃO ECONÔMICA DO NORDESTE

D. P. P. — É o carburante do Nordeste
BASE — ALCOOL ANHYDRO

A' venda: EM TODOS OS POSTOS DE AUTOMOVEIS DA CIDADE

CARBURANTE "UNIÃO"

O melhor combustível a base de álcool fabricado pelas

INDUSTRIAS LUIS DUBEUX S/A
UZINA "UNIÃO E INDUSTRIA"

BOMBAS DE DISTRIBUIÇÃO

AV. RIO BRANCO
(Pé da Ponte B de Macêdo)

PRAÇA CINCO PONTAS
(Em frente ao Quartel)

PRAÇA DA REPÚBLICA
(Em frente ao Liceu A. e Ofícios)
CAIS MARTINS DE BARROS
(Gigão Edif. Banco Auxiliar)

LIVRARIA COLOMBO

M. Campos & Cia. . .

Fazemos a V. S. que verifique os nossos trabalhos gráficos e artigos de escritório, pois são garantidos e por bons preços, assim como os artigos escolares

RUA DA IMPERATRIZ, 254 Fone 2744

FONTE & IRMÃO

EMPRESA DE TRANSPORTES

Endereço Telegráfico : "EUFONE"

TELEFONE N.º 9244

Usa-se o Código : Ribeiro e Bentley's

PRAÇA DO COMÉRCIO, 18-2.º and.
(Predio da Associação Comercial)
— RECIFE —

PADARIA CRISTAL

Rua do Aragão N.º 107

O MELHOR PÃO DO RECIFE

FONE: 2718

Augusto Gomes

RECIFE

Impresso nas oficinas do DIARIO DA MANHÃ S/A

Compre Taddeu Rocha
30/3/79